BIZZ

TV TEEN
jovem é tudo imbecil?

OS PIORES DISCOS
de todos os tempos

os anos dourados dos
ROLLING STONES

OS 20
HOMENS MAIS PODEROSOS DA MÚSICA BRASILEIRA

BUTTHOLE SURFERS
SUEDE
PRINCE AO VIVO

EDITORA AZUL

exclusivíssimo:
dos primeiros
ensaios à
mixagem
final,
como foi
feito o
novo
disco
dos

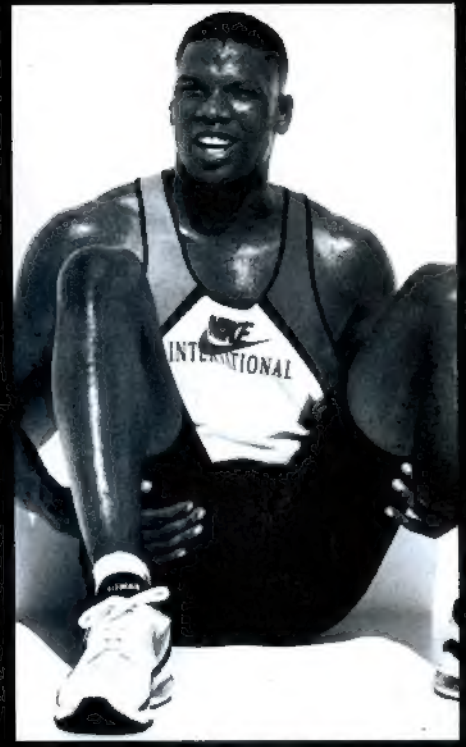
TITÃS

ISSN 0104-1444

NIKE AIR

Quincy Watts, medalha de ouro nos 400m.

MAX



Distâncias máximas para corredores máximos.

Air Max

BIZZ

este mês

LANÇAMENTOS

44 A nova geração do rap paulistano, por Camilo Rocha
46 Nine Inch Nails, Lenny Kravitz, Aerosmith, Suede, Pin Ups, Athauaipa Y Us Panquis
50 A votação dos críticos e a parada internacional
52 Red Hot Chili Peppers e The Smiths em vídeo
53 A estréia dos maxi-singles e a verdadeira ressurreição dos compactos

ZONA FRANCA

54 Garotas e mais garotas: PJ Harvey, St. Etienne, Belly e Come. Mais Tool, Terrorvision, Basshead, Helios Creed e os nossos favoritos Butthole Surfers

REPLAY

58 A primeira década dos Rolling Stones, por Celso Pucci
60 A nata do punk rock, o início do Police e dois clássicos da disco music

CARTAS

64 Um aviso importante: você pode fazer parte da equipe da BIZZ!

DISCOTECA BÁSICA

66 The Coasters

SHOWBIZZ

8 Pepe Escobar dá um pau nos programas para jovens da TV
10 Grunge rural? Forró-core? Nossos correspondentes em Brasília e Curitiba explicam
12 BIZZ dá sua nota para a primeira *rave* brasileira
14 André Barcinski enfrenta os Butthole Surfers
20 Prince se despediu dos palcos. José Emilio Rondeau estava lá

22

OK, fizemos as pazes! Agora é hora de responder: por que Arnaldo Antunes saiu? Como os Titãs se recuperaram do pau que levaram na época de *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*? A troco de quê eles chamaram Jack Endino para produzir seu novo disco? Quem conta essa história é Carlos Eduardo Miranda, nosso enviado à produção de *Titanomaquia*

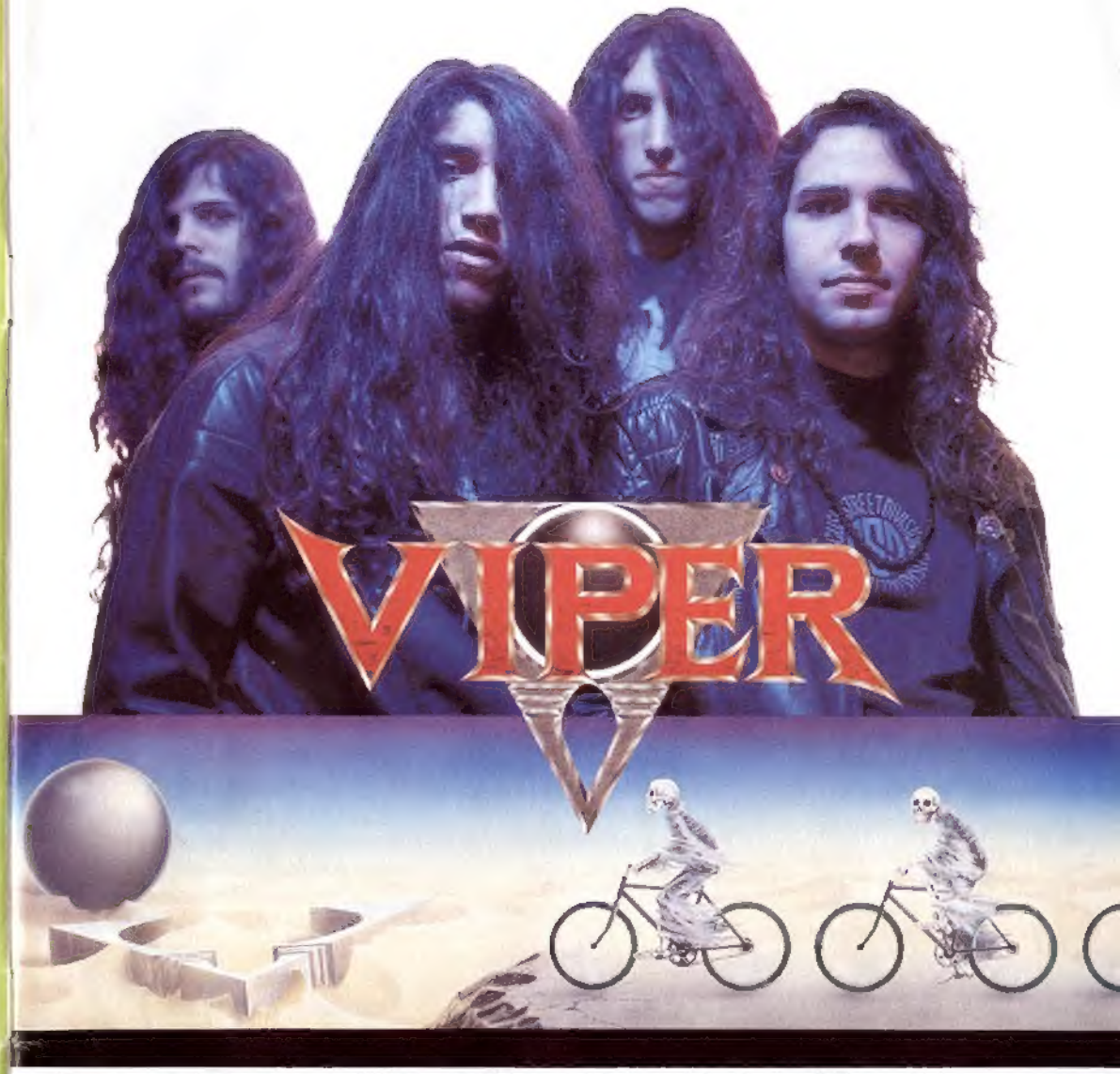
32

Quais são os melhores discos de todos os tempos? Ah... *Sgt. Pepper's*, *Never Mind The Bollocks*, *Exile In Main Street* – a lista é a mesma desde sempre! Agora, quais são os piores, mais nefastos e insuportáveis? BIZZ fez essa pergunta para vinte dos críticos mais barra-pesada do país – e o resultado vai dar uma tremenda confusão

39

Para gravar um disco e fazer shows, não basta talento – também é necessário cair nas graças de um dos homens desta lista. Rogério de Campos foi fundo nos bastidores da indústria fonográfica para revelar as vinte pessoas mais poderosas da música pop brasileira

capa foto: Angelo Pastorello



E·V·O·L·U·T·I·O·N

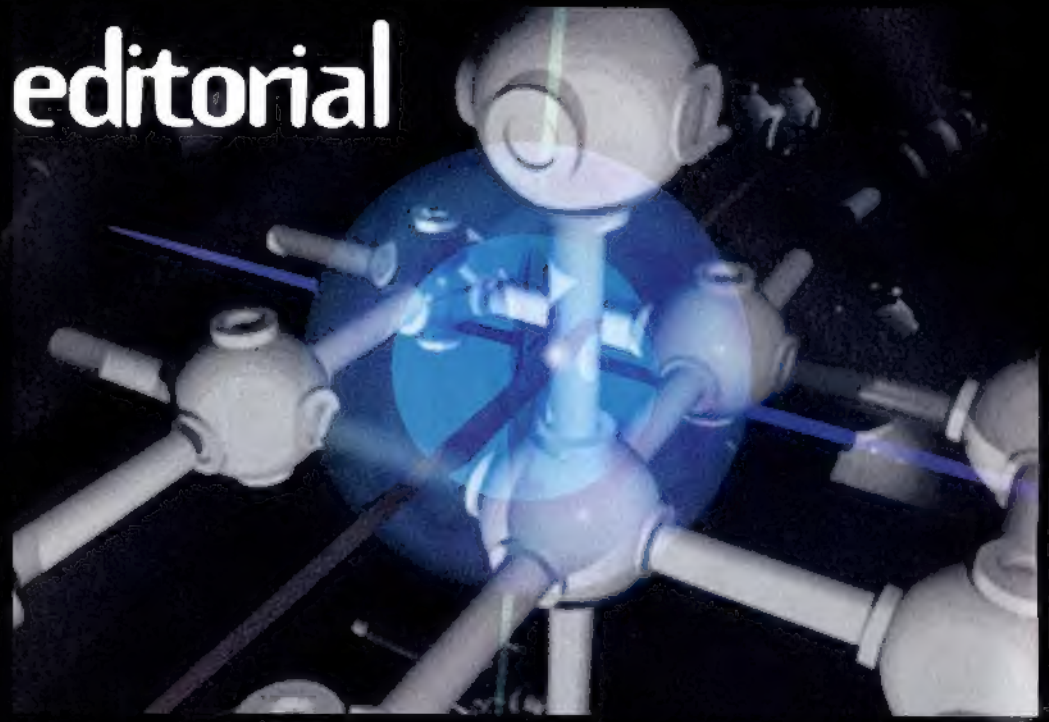
NOVO LP E CD

JÁ À VENDA

ELDORADO

LANÇAMENTO SIMULTÂNEO BRASIL, JAPÃO E EUROPA

editorial



As reações ao novo projeto da BIZZ estão despencando sobre nós exatamente quando escrevo isso – três dias após o lançamento da edição que continha "A Nova Cara da Música Pop Brasileira". Jornalistas se surpreendem com a ousadia dessa capa. Publicitários se admiram com o novo visual da revista. Artistas dão graças aos céus pelo espaço ampliado para a música nacional. A nova seção *Replay* pegou superbem – tanto entre a moçada que está descobrindo clássicos quanto com o pessoal com mais de trinta, que agora tem uma seção para lembrar os "anos dourados" do rock. Ao mesmo tempo, tem gente achando que fomos longe demais. Que os leitores não estão preparados para uma revista totalmente flexível, sem espaços e seções demarcados rigidamente. Que estamos abrindo demais o leque. Que o público não está preparado para uma revista que contenha simultaneamente Rage Against The Machine, Jorge Benjor e questões complicadas como o direito ao aborto. Discordo. Para mim, as duas primeiras leis sagradas do jornalismo são: a) nunca subestime o leitor; b) nunca faça média com o leitor. O novo projeto desta revista deriva em grande parte destes princípios. E julgando pelas primeiras manifestações dos leitores, parece que a BIZZ se deu bem ao apostar na inteligência do público. Outra lei sagrada: opinião é intocável. Tentamos escolher as pessoas certas para falar das coisas certas. A partir daí, cada um escreve o que quiser. Faz parte desta atitude publicar algumas coisas barra-pesada. Temos dois exemplos radicais nesta edição. Em um, Pepe Escobar massacra impiedosamente os programas para jovens da televisão – incluindo até um colaborador, Zeca Camargo. No outro, Álvaro Pereira Jr. dá um cacete violento no disco do grupo Athaualpa Y Us Panquis – cuja formação inclui outro colaborador, Jimi Joe, mais o popular Carlos Eduardo Miranda, repórter da BIZZ. Liberdade de opinião começa em casa. Para a gente, isso inclui a Redação. Quem não gosta – bom, todo dia às sete da noite tem *A Voz do Brasil*.

ANDRÉ FORASTIERI

CHEGOU!

2º CAMPEONATO BRASILEIRO

NESCAU DE GAMES

EDITORA AZUL

SAIBA COMO PARTICIPAR NA REVISTA AÇÃO GAMES

REALIZAÇÃO: REVISTA AÇÃO GAMES

APOIO: playcenter novotel VARIG

PATROCÍNIO: Nestlé NESCAU

showbizz

Pepe Escobar explica por que os programas para jovens da TV são tão vazios e descerebrados quanto seus espectadores

TEENATOLOGIA

Não é preciso ler Freud ou a Uzi verbal Camille Paglia para se perceber que o tesão masculino é o fator energizante crucial da cultura humana.

Adolescentes, os hormônios em ebulição, só podem se movimentar em matilhas, como a horda primal a que se referem as mitologias. É o único momento de liberdade total dos garotos, entre o controle de Mamãe e o controle de Esposa. Como se forja a identidade masculina? A partir de seu senso humilhante de dependência da mulher. A mulher controla totalmente os planos emocional e sexual. E os homens sabem disso.

Onde vai parar este impulso de liberdade, esta caldeirada hormonal, quando submetido às regras asseptizadas da TV brasileira? É como se uma benévola Grande Mãe tivesse acionado seu aspirador e grudado todas as partículas rebeldes em suas mucosas latejantes. Acumulando-se à maneira de filiais eletrônicas do Bob's ou McDonald's se posicionam os "programas jovens". *Fanzine* (TV Cultura), apresentado pelo "teen cabeça" e suposto "escritor" Marcelo Rubens Paiva. *Programa Livre* (SBT), apresentado pelo technicolor vitaminado Sergio Groissman. O das cinco da tarde da ex-VJ Maria Paula que a Globo inventou para concorrer com o *Livre*. Até mesmo *Metrópolis* (TV Cultura) – estrelando aquele indivíduo com pinta de bobo da classe e voz alegrinha de anunciar sorteio de cartas – pode entrar na dança. Para não falar das MTVices de rigor, *No Ar*, *A-Go-Go* ou *whatever*.

Todo mundo "participa" ou – como é mesmo o jargão? – "se estimula a reflexão do jovem".

Se "o jovem" não está refletindo nem mesmo uma mecha de cabelo pintado, ou se, sacudido, dele não cai nem mesmo o esboço de uma idéia, não podemos dizer que a culpa seja dos "seus" programas. Afinal há faixas de mercado – fim de tarde, depois do jantar, antes de sair para encher a cara no bar e fazer barulho no meio da rua até as três da manhã – que precisam ser rentabilizadas.

Nossos garotos-propaganda da juventude seriam os teóricos mestres-de-cerimônias dos debates. Todos se comportam como um Senna na chuva, desesperados em levar uma essência do que é mais moderninho a qualquer cafundó do Judas. Alternam-se da suposta discrição com verniz *trendy* (Zeca Camargo) ao oba-oba no limite da descerebração (Groissman). Marcelo Rubens Paiva ainda insiste como "escritor". Permanece incensado. Permanece imutável a sua incapacidade, em termos literários, de escrever um *press-release* de McBacon.

Mas não interessa personalizar essa história. Esses indivíduos não são causa de nada. Apenas sintomas. Aproveitam a oportunidade para construir carreiras em cima de balbúrdios de massa. A causa do absurdo quociente de descerebração ou mesmo falta de informação desses programas está muito mais embaixo.

Um país que se desenvolveu tendo como únicos "valores" o monopólio da indústria automobilística e o consumismo desenfreado não pode gerar "jovens" dotados de ponto crítico. A mídia, que deveria exercer aquele famoso papel higiênico – o de limpar a sujeira ambiental –, apenas reproduz o canibalismo total que vigora nas relações sociais. Ficamos para trás, porque não investimos em educação.

Os "programas jovens" provocam unanimidade. Politicamente corretos até a medula espinhal, não colocam nada do que interessa em juízo, ou seja, as fundações (ou ausência de) deste sistema. Um artista plástico paulistano defende a tese de que só houve impeachment de Collor of Money por causa de *Anos Rebeldes* na TV. Super envolvimento direto da Globo é ingenuidade. Mas não há dúvida de que caras-pintadas na TV levaram muitos a se pintar nas ruas – na falta de outros vídeos para alugar.

Dentro desse quadro a MTV é até inofensiva. Claro que as vinhetas são superiores à programação. Poderia manejar ao menos um mínimo de sarcasmo e ironia (e auto-ironia). É drops dulcora para os olhos, mas é profissional. Nunca pretendeu "estimular a reflexão do jovem".

Criticar os "programas jovens" em si não é o ponto. Tudo pode ser recuperado e rentabilizado como diversão de massa. O que importa é como estimulam a reflexão do vazio. O vazio de projetos, de convicções éticas, o vazio carcomido pela hiperinflação de uma sociedade estagnada. Não dependerá de seus "animadores" atiçar o auditório e os espectadores para a deseducação absoluta do país, o consumismo bárbaro, os múltiplos labirintos da lei de Gérson ou a americanalhização gratuita.

Enquanto isso, a guerra civil não declarada, a Bósnia com água-de-coco, continua invadindo os portões eletrônicos...

MICK JAGGER está desesperado - sua plástica está se desmanchando! (Não, não, são só efeitos especiais à la *Exterminador do Futuro*, no novo clip do velho Stone).

Visto que estamos aí para botar fogo no circo mesmo, perguntamos para seis artistas da nova geração: qual o milagre para fazer o RPM voltar a fazer sucesso?

André Fonseca (guitarrista, Okotô)
Nenhum, espero.

Cid Silva (baterista, Gangrena Gasosa)
Nem o exú mais satanás do candomblé resolve.

Chico Science (cantor, Nação Zumbi)
Agora que muitas bandas tentam redimensionar o rock brasileiro, o RPM voltar é um atraso.

Alê (baixista do Pin Ups)
Teria que ser apagada a década de 80 da memória das pessoas.

Ronaldo Gino (guitarrista, Virna Lisi)
Vão ter que fazer uma força boa, que a galera não tá querendo mais a mesma coisa.

Fred Raimundo (baterista, Raimundos)
Um acidente de avião.

A GUERRA DOS CDs

Nos EUA, um CD custa em média 13 dólares. Na Grã-Bretanha, a brincadeira não sai por menos de 20 dólares. Foi essa diferença que deixou indignados os empresários do Dire Straits e do Simply Red. Tanto que eles pediram um inquérito parlamentar para investigar o enorme lucro das gravadoras na jogada. Depois de semanas de muito debate, durante as quais álbuns bacanas da indústria fonográfica inglesa tentaram se defender em vão, os membros do Parlamento decidiram a favor dos empresários. O assunto vai parar agora no Office Of Fair Trading, órgão onde se resolve tais disputas.
Isso vai dar no seguinte, segundo os entendidos: as gravadoras serão obrigadas a cortar duas libras, quase quatro dólares, de cada CD. Enquanto artistas como Mick Hucknall aplaudem a decisão e o público aguarda a inédita baixa no preço, há quem se preocupe. A perda desta bolada enorme pode levar as gravadoras a investir ainda menos em talento novo, e a jogar pesado nas coletâneas e relançamentos. A história ainda vai longe.

ANAMARIA G. DE LEMOS,
de Londres

Revelado: LENNY KRAVITZ e TERENCE TRENT D'ARBY são a mesma pessoa!

"Yesterday",

de Lennon e McCartney, toca em média 26 vezes por hora nas rádios norte-americanas. Significa 4.464 vezes por semana. Isto nos últimos 29 anos. É a música mais ouvida na história do rádio nos EUA. Desde que foi lançada pelos Beatles, em 65, já foi programada 6 milhões de vezes.

ARTIGO 288

Eles vêm de Realengo, subúrbio da Zona Oeste carioca. Artigo 288 (quer dizer "formação de quadrilha no Código Penal"), encabeçado pelo rapper Gilmar (letras e vocal) e MC Walan (ritmos e beat-box). Com rimas cáusticas e coerentes, Gilmar não poupa munição para atacar o que está errado: em "A Cor Da Pele" ataca a cor-de-burro-quando-foge do seu ex-ídolo, o mutante Michael Jackson. Em "Menino Mau", conta a história (real) de um pivete executado por não pagar o "acerto" aos PMs. Por conta de outra música, "Herói Ou Vilão", ele está respondendo a processo na justiça por desacato à autoridade. A história é assim: à bordo de um velho Corcel com uma caixa acústica em cima, eles divulgavam uma apresentação pelo bairro quando foram parados por uma patrulha. Justamente nessa hora saíram dos alto-falantes impropérios contra a força policial, "os cachorros do Sistema".
Além de levar alguns safanões, os dois ainda foram levados à delegacia e mantidos incomunicáveis por horas. A música foi rebatizada – virou "Artigo 230", o código para desacato. O disco não demora a sair. Eles foram contratados pelo selo Radical Records, do produtor Mayrton Bahia e a faixa de trabalho vai ser mesmo a incendiária "Artigo 230". Botar o dedo na ferida é com eles mesmos.

CLAUDIO CAMPOS

a primeira RAVE brasileira

Rose Mosaly-Azul

No início de maio aconteceu a Dance Party, a tentativa mais bem-sucedida até hoje de se fazer uma rave no Brasil. De fora vieram o mestre tecno Moby, os gozadores do Altern 8 e os DJs Mark Kamins (o cara que descobriu e primeiro produziu Madonna) e Soul Slinger, brazuca estabelecido em Nova York. Do Brasil, o DJ Mau Mau, do Sra. Krawitz (SP). O evento aconteceu em São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. Nosso repórter Camilo Rocha foi lá (em SP) conferir e falar com os caras. Deu certo? Foi igual às originais? Acompanhe a avaliação BIZZ.

• Os **PAs** ("personal appearance", uma aparição rápida, diferente de show) foram ótimos. Moby mostrou como ser "visceral" nos teclados e o Altern 8 mostrou com quantos hits se faz uma pista ferver. Some 4 pela escolha e mais 4 pelas apresentações.

• Os **DJs** foram irregulares. Mark Kamins foi o melhor. No som, além do "trance tribal" que havia prometido, incluiu new disco e tecno. E não parou de estimular o público um minuto, pulando e gritando. Mau Mau acertou na mão também. Soul Slinger foi entediante, sua mensagem era: "Olhe quanta coisa esquisita eu toco. Se dá para dançar é outra história". Some 3.

• Os **lugares** escolhidos, imensos galpões, deram um feeling autêntico. Some 2.

• A **luz**, a cargo de Scotto, iluminador do Moby, foi legal, bem ritmada e variada. Mas nada do outro mundo, nada de novidades tecnológicas (na Overnight, em SP, tem mais). Some 1.

• A **qualidade do som** era boa (mas imperfeita) durante as discotecagens. Mas nos PAs foi horrível, chegando a distorcer e embaralhar em alguns momentos. No geral faltava peso, volume, estremecimento de paredes e nitidez. Quando Moby tocou "Go!", nem se sentia o grave. As músicas do Altern 8 às vezes saíam borradas. Rave que se preze tem que ter o som pulsando perfeitamente dentro de você. Subtraia 2.

• O **público** dançou e respondeu bem ao som, quase todo desconhecido. Durante as PAs tudo pegou fogo. Mas faltou variação de gente, como uma rave requer. E faltou desencanação, tipo não reparar nos outros. Por isso, em vez de somar 3, some 2.

• O **bar** tinha de tudo. Mas os preços eram abusivos. 50 mil uma água e 250 mil uma "smart drink" (os coquetéis vitaminados que levantam defunto) não é preço para rave, supostamente uma festa de massa. Subtraia 1.

• E não tinha **ecstasy**. Subtraia 5.

NOTA DA BIZZ PARA A DANCE PARTY: 8

Os ingleses Mark Archer e Chris Peat começaram como Nexus 21 em 90. Como resposta à falta de rostos dos artistas tecno, inventaram o Altern 8, um grupo com imagem e bom humor, amparado por bem planejados golpes de marketing (máscaras, colocar uma criança de cinco anos na faixa "Activ-8" falando gírias de ecstasy). Tiveram vários hits na Inglaterra como "E-Vapor-8" e "Brutal-8-E". Em 92, lançaram o LP *Full Mask Hysteria*. Agora vão ressuscitar o Nexus.

desiste do sucesso e volta para o underground

Como andam as raves na Inglaterra? Tem quem ache que o cenário está decadente por lá e está voltando aos clubes.

Chris Na semana passada, fui a uma rave, ou melhor, uma "dance party" – eles não as chamam mais de raves porque o nome está pegando mal. Foi numa universidade em Bath, tinha 35 mil pessoas e foi demais. Ainda rolam muitos eventos assim. Mas realmente tem muita gente voltando aos clubes.

Alguns dos criadores do tecno, especialmente Derrick May, andaram detonando o tecno inglês, como se fosse uma cópia pop mal-feita.

Chris May falou mal da gente porque roubamos aquele baixo trêmulo dele. Mas Kevin Saunderson (*do Reese Project e Inner City*), alguns meses depois, sampleou um disco nosso. Depois produzimos "Let It Reign", do Inner City. A coisa vai e volta.

Mark Esses caras acham que a cena agora é meramente derivativa do que eles faziam. Eles realmente são uma influência, mas não são a única. O som hardcore/rave é algo completamente diferente do tecno de Detroit.

Li que o Altern 8 tinha encerrado suas atividades e vocês estariam retornando a seu antigo nome de Nexus 21.

Chris Nexus 21 começou como projeto de estúdio. Um dia fizemos algumas músicas que não tinham nada a ver com o Nexus 21, então botamos outro nome, imaginamos outro projeto e fomos em outra direção. Nasceu o Altern 8. Com o sucesso, ficamos totalmente ocupados e o Nexus 21 acabou ficando de lado. Agora queremos retomar o Nexus 21 por um tempo. O Altern 8 ficará só para apresentações ao vivo.

Como vai soar o novo Nexus?

Chris Bem mais suave que o Altern 8, nada de hardcore. Começamos na primeira onda de tecno inglês que era uma versão local do som de Detroit: discos com "bleeps" tipo LFO e Nightmares On Wax. E é exatamente para esse tipo de som que vamos voltar.

Vocês, Prodigy, Bizarre Inc e outros grupos que popularizaram o hardcore tecno estão abandonando o estilo. Isso significa o fim do gênero?

Mark Não, não. É que os grupos que estiveram nessa história desde o começo estão indo em frente. Mas há uma nova geração do hardcore: pequenos DJs fazendo música no quarto, lançando em selos brancos.

GREATEST HITS.

ENERGIA QUE DÁ GOSTO.

10 PERGUNTAS PARA BUTTHOLE SURFERS

Como surgiu a idéia de chamar John Paul Jones (ex-Led Zeppelin) para produzir o disco?
PAUL LEARY A idéia foi da gravadora. Eu morri de rir na hora, fiquei pensando que ele nunca devia ter ouvido falar da gente e não iria aceitar nos produzir de jeito nenhum. Mandamos uma fita e ele acabou topando.

Vocês são fãs de Led Zeppelin?
Tenho 35 anos, não dá para negar que o Led Zeppelin foi uma grande influência. Hoje não tenho mais paciência, mas naquela época só dava "Whole Lotta Love" e "Stairway To Heaven".

E como foi trabalhar com ele no estúdio?
Foi muito divertido. Ele veio para Austin e a gente ficou muito amigo. No final estava todo mundo bebendo no estúdio, tocando "Kashmir".

Seu LP anterior, *Piouhgd* (91), era um disco lento e experimental. Esse novo é bem mais pesado...
Culpa do John Paul! Ele gosta mais de músicas simples, mais diretas. Resolvemos fazer um disco mais cru e sem tanto experimentalismo.

Vocês algum dia acharam que seriam contratados por uma grande gravadora?
Quando começamos o nome ainda chocava as pessoas. Hoje a TV americana é tão cheia de palavrões que ninguém se importa mais. Até o presidente da gravadora é um grande fã nosso!

Como foi que vocês criaram o nome?
"Butthole Surfer" era o nome de uma música nossa. Sempre tivemos nomes estúpidos, primeiro Dick Clark Five, depois Vodka Family Winstons e o Ashtray Baby Heads. Um dia fomos tocar num clube e o apresentador não sabia o nosso nome. Nessa época era The Right To Eat Fred Astaire's Asshole (*O direito de comer o rabo do Fred Astaire*). Ele olhou para a lista de músicas e leu o nome da primeira música que viu... "Butthole Surfer". Nesse show ganhamos 150 dólares, então achamos que seria legal manter o nome.

Funcionou?
Demorou três anos para a gente ganhar algum dinheiro de novo!

É verdade que um tempo atrás vocês fizeram umas vinhetas para a MTV?
É sim. Foi uma situação engraçada: éramos ao mesmo tempo a banda que mais e menos tocava na MTV! Era proibido falar o nome da banda no ar!

Como é a vida de vocês em Austin? Vocês são reconhecidos na rua?
No começo a gente era motivo de vergonha na cidade. Nós erámos muito largados, morávamos dentro de um caminhão e não tínhamos nem dinheiro para comer. A gente chegou a lavar as janelas do estúdio para bancar nosso primeiro compacto. Hoje as coisas estão melhores, sou até vizinho do prefeito.

Qual foi o lugar mais divertido onde vocês tocaram?
Nova Zelândia e Austrália – onde tem a melhor cerveja do mundo!

ANDRÉ BARCINSKI

A VIAGEM DO VIPER

Começou em maio a maior turnê internacional do Viper. Inclui Alemanha, Hungria, Áustria, Itália, Suíça e Japão. Serão trinta shows no total. Enquanto viajam, aproveitam para lançar um EP, *Vipera Sapiens*, que inclui cinco faixas inéditas e uma versão "voz e violão" da balada "Spreading Soul". Outra curiosidade de *Vipera Sapiens* é "Wasted Again", "uma versão mais enxuta de 'Wasted' – que está no *Evolution* –, com vocais um pouco diferentes", segundo Felipe. O EP não será lançado no Brasil. Em compensação os shows de Osaka e Tóquio, no Japão, serão gravados e lançados aqui no Brasil, num disco que incluirá também as seis faixas do *Vipera Sapiens*.

OS 13 ASTROS MAIS RICOS DA INGLATERRA
(aproximadamente, em milhões de dólares)

1 Paul McCartney	600
2 Elton John	180
3 Mick Jagger	135
4 George Michael	120
5 Keith Richards	105
6 Mark Knopfler	90
7 Cliff Richard	67
8 Bernie Taupin	52
9 Dave Stewart	45
10 Rod Stewart	37
11 Bill Wyman	36
12 Phil Collins	33
13 David Bowie	30

Uma luta entre o Supla e Mickey Rourke, ainda neste ano. Tem uma empresa paulista planejando isso a sério.

Não chegasse o que "Tears In Heaven" já fez com sua moral, Eric Clapton participará do novo disco do Milton Nascimento

DESIRE.

ENERGIA QUE DÁ GOSTO.

No sul, um monte de bandas se denominam grunge rural. No centro-oeste, outros malucos dão a luz ao forró-core. Não adianta insistir no separatismo – esse país miscigena qualquer coisa

zona total

RAIMUNDOS faz forró-core. Já ouviu falar? E é exatamente a mistura do autêntico forró com o peso do hardcore que dá o tom da banda brasiliense formada em 87.

"Igual a gente, não deve ter mais ninguém", aposta o vocalista

Zé Manoel Abril

Rodolfo, descendente de nordestinos, como o guitarrista Digão e o baterista Fred. A demo dos caras é o que há em termos de potência sonora, com letras contando histórias de sacanagem e esperteza pura. Influências? Suicidal, Pantera e o forrozeiro Zé Nilton. "Ele é o melhor do genero", dizem os Raimundos, que começaram tocando covers dos Ramones e agora fazem um cruzamento no mínimo original. Mais crossover, impossível. *CARLOS MARCELO/Brasília*

GRAFORRÉIA XILARMÔNICA, de Porto Alegre, é uma das bandas mais esquisitas do planeta. Mistura coisas tão dispares como jovem guarda e dodecafonia. E já tem seus seguidores.

Depois de uma pausa de quatro anos, o GX ressuscitou um pouco diferente. Marcelo Birck, antigo guitarrista e cantor do grupo, está com nova banda, o Aristóteles de Ananias Jr. Aqui ele leva além as experimentações do Graforréia, que anda fazendo escola.

O grunge rural – nome dado ao estilo derivado do Graforréia por seus, como diria, discípulos – mistura letras romântico-sertanejas, sotaque pseudo-caipira, visual tecno-gumex e gozações com Seattle. De Chapecó, SC, vem o Repolho, cujo guitarrista é pagodeiro, dono de boteco e ex-candidato a vereador. Eles homenageiam "cornos" e transformam em música uma simples receita de croquete. Em Curitiba, a facção é representada pelos veteranos do Playmobillys e pela falsa dupla (na verdade é uma banda) Emílio & Mauro, fundada em fevereiro deste ano pelo guitarrista Eric Thomas – ex-Cervejas e ex-Playmobillys.

Na verdade, a proximidade dessas bandas com o som do Graforréia Xilarmônica se restringe ao lado brega e bem-humorado, com algumas esquisitices. O original apresenta um discurso musical ousado, ultra-rocker e dissonante, fatores que arrancaram elogios até do produtor Jack Endino (mais informações na matéria de capa). *ABONICO RYCARDO SMITH/Curitiba*

Ali Antonio Sales

A Aids pegou mais um artista: Holly Johnson, ex-vocalista do Frankie Goes To Hollywood, anunciou que é portador do vírus HIV.

A

Energia do sol
A força do mar
A magia da lua
Contemple, relaxe
e viaje com prazer.
No Ar

Búzios FM
uma seqüência
muito natural

Acreditar em
novos conceitos e
atitudes, divulgar
arte, veicular
qualidade de vida
música e poesia
Educação e cultura
Búzios FM um
estado de espírito.

naturalmente

já nas lojas!

Ao comprar este disco você está contribuindo para a colônia de pescadores de Búzios

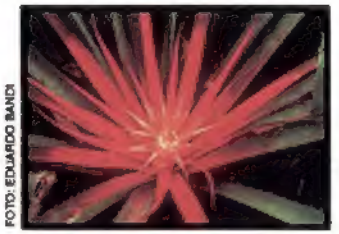


FOTO: EDUARDO BANDI

Leo Gandelman - Castelo de areia
João Bosco - Jade
Edson Cordeiro - A rainha da noite
I can't get no (Satisfaction)
Terence Trent D'arby - Billy don't fall
The Clash - Should I stay or should I go?
Stevie Ray Vaughan - Mary had a little lamb
Living Colour - Love rears it's ugly head
Santana - Black magic woman / Gypsy queen
Sade - Paradise
Bruce Henry - Hard rocks
Peter Tosh - Why must I cry
Marvin Gaye - Sexual healing
Ney Matogrosso - Aquarela do Brasil
Cidade Negra - Mosca na sopa

Sony Music
MARKETING ESPECIAL

Búzios FM 102.5

Veja Aqui
O Que Ainda Vem Por Aí.

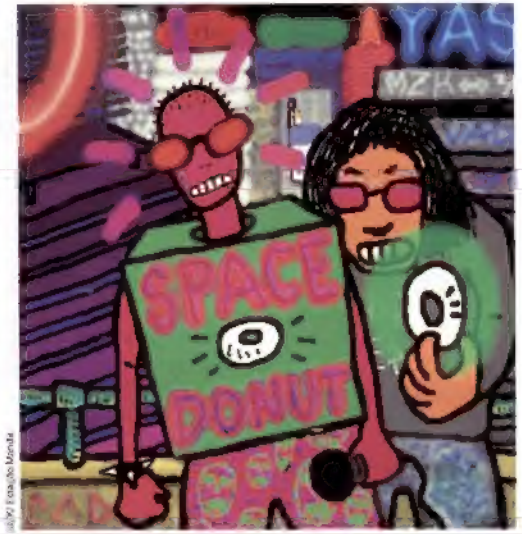
Fique ligado nas próximas edições da Bizz. A sua revista vai estar cada vez mais incendiária. Veja só uma amostra grátis do que você ainda vai ver aqui na Bizz: 25 anos de Tropicália - Tudo sobre o movimento que abalou as bases da Música Popular Brasileira. Entrevista com David Gilmour - O líder do Pink Floyd fala sobre o futuro da música. Guia do CD Pirata - Uma lista completa mostrando que nem tudo que é clandestino tem perna-de-pau. Bizz, Oito anos, nota dez! Não perca um número.

Com a BIZZ você vai mais longe. Antes que tudo aconteça.

BIZZ

REBELDIA S.A. Em vez de esperar o dinheiro cair do céu, as bandas estão armando patrocínios

Patrocinador de banda alternativa é quase um pai: se preciso paga o aluguel do apê que está atrasado, vai buscar aquela guitarra que o cara esqueceu no ensaio lá em Guaianazes e, insistindo um pouco, até empresta o carro. Tem gente entrando nessa e se dando bem.



Foto/Eduardo Monda

Por exemplo a Vision Street Wear, patrocinadora do Sepultura, Yo-Ho-Delic e Ratos De Porão. A grife de streetwear gasta cerca de cinco mil dólares mensais – com roupas, acessórios e até ajuda de custo para viagens. Seu proprietário mais famoso é o "Turco Louco". A Vision pretende ampliar seu cast e já tem na mira os rappers do Racionais MC e o Pavilhão 9. Também no esquema da amizade funciona a Inaland, grife de surfwear gaúcha que patrocina o Off The Wall.

A loja de instrumentos musicais PA patrocina Volkana, Viper e Yo-Ho-Delic com instrumentos e equipamentos (dados ou emprestados) e horas cedidas no estúdio de ensaio da própria PA. Mário Guedes, um dos sócios, confessa que "não tem aquele negócio de 'eu te dou mil dólares e você tem que me retornar dois mil".

Há uma certa confusão entre patrocínio (que é grana mesmo) e apoio cultural – que se resume a ceder alguns itens importantes para a banda. É o que faz a OSS Propaganda para o Beijo AA Força. A agência curitibana dá um apoio logístico para o grupo ao se encarregar da parte gráfica (cartazes, capa do disco, texto etc.). "Não entra grana mas se tivéssemos de arcar com estas coisas seria uma puta despesa." Em tempo: dois integrantes da OSS são compositores do Beijo AA Força.

Nem sempre rola uma moleza dessas. Mas o que empresas e lojas como Músicos, Disconcert, Solid Sound e Exit têm mostrado é que patrocínio depende muito mais de boa vontade do que de grana.

JEFFERSON DE SOUSA

OUÇA ESSA

"Cansei desse saudosismo que só venera gente morta como Janis e Hendrix. Só falam bem de quem foi junkie."
Paula Toller, no *Globo*

"Eu adoro as mulheres. Para mim, elas são superiores sob todos os pontos de vista."
Sting, na *Rolling Stone*

"A MTV é simpática, tem visual moderno, mas parece um curso de inglês de Osasco."
Lulu Santos, no *Globo*

"Eu já sabia, mas prometi não contar. Foi difícil, uma vez quase bati num repórter que ficou me amolando sobre a maquiagem de Michael."
Janet Jackson sobre a doença de pele do irmão, na *Vox*

"Que cortem meu pau."
Ice-T revela seu maior pesadelo, na *Q*

SABOROSAMENTEX
REFRESCANTEMENTEX
EXCITANTEMENTEX
Nestlé MENTEX HORTELÃ
A DOIS É DEMAIS.
Nestlé

PRINCE

Universal Amphitheater, Los Angeles

Pela primeira vez em muitos anos, sua Majestade Purpura tocava numa casa de porte médio, muito mais próximo do público que se estivesse num ginásio. Resultado: apesar da histeria que reinava lá fora – afinal, era a vespera do segundo veredito sobre o espancamento de Rodney King, e ninguém esqueceu o quebra-quebra de 92 – o Universal Amphitheater simplesmente botava gente pelo ladrão.

Prince e sua New Power Generation iniciaram a primeira parte de um show de três horas com sua declaração de intenções, "My Name Is Prince". Toda a metade inicial pode ser descrita como uma telenovelinha chinfrim. Pelo que se entende do que se passa no palco, Prince luta pelo amor da filha de um sheik, enquanto é perseguido por uma repórter abelhuda e sofre "atentados" dos capangas do magnata árabe pai da moça paquerada.

Como objeto do desejo de Prince, a bailarina Mayte Garcia perde mil de Cat, a ex-favorita do baixinho em turnês outras. Qualquer chacrete de segundo escalao daria uma surra nela. Para que tanto esforço, Prince? Por aquilo?

Pior, a trilha sonora dessa patuscada vem dos discos mais recentes de Prince, logo os mais fracos de todos. Musicalmente, ele está percorrendo terreno neutro, na melhor das hipóteses. E o conteudo pretensamente erótico do show – giros pélvicos, lambidas no dedinho, gritinhos – tem hoje impacto zero, diante do que o rap vem dando ao mundo.

Prince só se regenera na segunda metade do show, apos um breve intervalo. E quando ele pesca seus velhos grandes sucessos ("Let's Go Crazy", "Purple Rain", "Kiss") e faz com que todo mundo lembre que um dia ele foi o verdadeiro príncipe do erotofunk e que naquele tempo ele tinha majestade para dar e vender.

P.S.: na última semana de abril, Prince anunciou que estava deixando a carreira. A turnê européia de Prince, que começaria agora em meados de junho, sofrerá alterações. A segunda parte da turnê americana foi sumariamente cancelada.

Prince garante que cumprirá seu contrato com a Warner – de 60 a 100 milhões de dólares, por mais seis álbuns. Ele assegura que tem material suficiente para lançar álbuns até o século 21. Ao todo, seriam mais de 500 faixas inéditas, guardadas a sete chaves no estudio Paisley Park. Ao mesmo tempo ele continuará produzindo discos para outros artistas. Seu próximo trabalho a aparecer será a trilha da comédia musical *I'll Do Anything*, com Nick Nolte. *JOSÉ EMÍLIO RONDEAU*

alta rotação

Crazy Diamond – The Complete Syd Barrett é um *boxed set* reunindo os três álbuns solo oficiais de Barrett, o lunático criador do melhor do Pink Floyd. A caixa ainda traz vinte *outtakes* (todos os que a gravadora conseguiu). Ouça e entenda o que os alucinógenos causam ao organismo. (Júlio)

A história do cruzamento de jazz com rap é recente mas prodútiva (Gang Starr, Dream Warriors, Young Disciples). O DIGABLE PLANETS resume tudo o que já foi feito nesse terreno e apresenta sua leitura em Reachin' (A New Refutation Of Time And Space). Este disco emplacou "Rebirth Of Slick", uma música com contrabaixo, estalar de dedos e riffs de cool jazz, sem refrão nem melodia reconhecível, mas virou hit nos EUA. Isso já é moral o bastante. (Camilo)

Hórrible Terrible Nójento é a demo que os RATOS DE PORÃO gravaram para tentar descolar um novo contrato internacional, já que a Roadrunner dançou eles. A julgar pela evolução radical da banda em faixas como "Vídeo Macumba" (sobre aquele vídeo podrão que Mike Patton mandou para o Gordo e para o Max Cavalera), "C.R.A.C.K." e "Bad Trip", o negócio vai ser fácil. (Miranda)

A BMG pisou na bola não lançando aqui o último e excelente disco dos STRAY CATS, *Choo Choo Hot Fish*. Para consolar os (muitíssimos) fãs, a EMI, antiga gravadora da banda, põe no mercado o ainda mais indispensável The Best Of Stray Cats. (Rogério)

Blue Cheer do future? Trilha sonora para rachas com o Interceptor do Mad Max? Gêmeo maligno dos Masters Of Reality? Blues For The Red Sun é tudo isso e não só (mais uma comparação infame: é o Iron Butterfly dos 90's). Os autores da proeza se autodenominam KYUSS, são americanos e por enquanto exclusivos das lojas de importados. (André)

alta rotação

Tesouro da Juventude

Entre videogames, batatas chips e psicanálise, Carlos Eduardo Miranda enfrentou uma maratona de gravações junto com os Titãs e acabou, pela primeira vez, gostando da banda. Fotos: Angelo Pastorello

Produção: Kátia
Cabelo e maquiagem: André Claré (First)
Agradecimentos: Sweet Sweet Way (Iguatemi)

Fim de março. Os Titãs estão enfurnados no Art Mix, um estúdio de última geração escondido nos cafundós de São Paulo. Chego lá meio cabreiro com a recepção que posso ter por parte da banda. O passado próximo era de tretas entre a banda e a BIZZ.

Nunca fui fã dos Titãs. O único disco deles que já tive – *Tudo ao Mesmo Tempo Agora* – ficou comigo apenas algumas horas, já que dei ele para o Mike Patton, num encontro na casa do Max Cavalera.

O fato de achar que os Titãs nunca estavam se dirigindo a mim em seus discos sempre gerou discussões com alguns amigos meus, como o pessoal do Sepultura e dos Replicantes (lembra?), que adoravam a banda. Era uma boa chance para testar minha teoria de que relações profissionais e pessoais não se misturam.

Não deu outra.

SONGE BATATAS CHIPS

Enquanto Marcelo Fromer e Tony Belotto detonam as guitarras sob o comando de Jack Endino; Branco Mello, Nando Reis e Sérgio Britto se esforçam para passar o segundo estágio do Sonic, num Mega Drive.

Os caras estão bem abastecidos para a jornada de um mês fechados no estúdio. Um refrigerador lotado de cerveja, salgadinhos, frios e chocolates. Batatas chips, uísque, vinho e tudo mais que uma larica pode requerer, forram a cozinha.

Depois de dar umas dicas para os caras ganharem vidas extras e bônus no Sonic, rolo um papo com Charles Gavin sobre as tretas entre a banda e a crítica. Paulo Miklos também entra no assunto.

Lá no estúdio, Branco grava o vocal de "Felizes São Os Peixes": "Tanto faz/ É igual/Felizes são os peixes".

A MTV passa uma entrevista com Jack Endino. Todos grudam no aparelho. A única outra coisa capaz de reunir toda a moçada em volta da TV são jogos de futebol.

CHEIO DOS TRUQUES

No estúdio, com as bases de baixo e bateria já gravadas, o assunto são intermináveis takes de voz, guitarras e teclados. Jack, minucioso, tira até a última gota do desempenho dos Titãs.

Pacientemente trocam de guitarras dezenas de vezes. Afinam, regulam. Muda o cantor, muda o microfone.

É impressionante como Endino se esforça em sacar a sonoridade do português, se dando até ao luxo de dirigir os cantores cantando ele próprio. Sem entender exatamente o que canta.

Nos momentos vagos, a banda escuta demos de novos grupos brasileiros. Ficam de boca aberta com o que ouvem. São as mesmas fitas que o Jack escutou e comentou (veja à frente).

A VOLTA DOS MORTOS VIVOS

À essa altura o nome do disco é mudado. A idéia inicial de batizá-lo *A Volta Dos Mortos Vivos* encontra problemas legais por causa do filme de Dan O'Bannon. O novo escolhido é *Titanomaquia*, a lendária guerra de dez anos entre os titãs míticos contra os deuses gregos.

"Nunca fui fã dos Titãs. O passado próximo era de tretas entre eles e a BIZZ..."

Passaram-se mais quinze dias e dê-lhe Sonic e rock'n'roll. Os Titãs já estão quase no fim das gravações e ainda estamos longe do fim do jogo. Branco, o mais fissurado, comprou um Game Gear, com um cartucho do, óbvio, Sonic. Até Jack Endino acabou viciado nisso.

THE DAY AFTER

Último dia em SP. Branco amarga uma ressaca monstro de vinho e os outros também parecem influenciados pelo efeito "day after". A noite anterior tinha sido de gandaia etílica em comemoração prematura ao fim das gravações.

Tudo pronto, a banda sobe para mais uma sessão de fitas demo, futebol e game. Jack continua nox estúdio. Só ele e Paulo Junqueiro – o engenheiro de som do disco, que já tinha trabalhado com os Titãs em *Jesus Não Tem Dentes...* e operado o show de Montreux, que virou o disco *Go Back*.

Jack Endino encanou de tocar em algumas faixas do disco. Começa a arranhar alguma coisa em "Disneylândia". Primeiro faz uma barulheira desgraçada. Aos poucos vai achando o caminho do que você pode escutar no disco.

A CHELA E FUTEBOL

Rio de Janeiro. Depois de uma viagem de carro entre as duas capitais – com um estágio nas cachoeiras de Itatiaia – os Titãs, Jack Endino e Paulo Junqueiro se instalam no Nas Nuvens para mixar o disco. O estúdio fica numa mansão arborizada do Jardim Botânico e está fechado por duas semanas exclusivamente para a banda.

O clima é bem caseiro. Todo mundo atirado numa puta sala de estar, assistindo a um jogo do Flamengo pela Libertadores, e putos da vida porque nenhuma emissora passa o jogo do São Paulo. Jack e Junqueiro permanecem enclausurados no estúdio.

Uma lua cheia animal ilumina a vista da sacada quando os Titãs pulam com o oitavo gol do Flamengo e Jack aparece com a primeira mixagem de "Hereditário". Ele não entende a euforia e ri desajeitado. Som na caixa.

HEAVY, PERO NO MUCHO

Meio-dia da sexta-feira santa. A galera se reúne numa F1000 para almoçar. Durante o almoço, ao meu lado, Nando conversa com Jack. Diz que gostaria de cantar mais – é o que canta menos músicas no disco – e recebe de volta elogios do produtor. Jack ainda salienta que o lado pop da banda deve ser preservado, que é um diferencial de originalidade.

Nando vira para mim: "Ele deve ser o único cara que gosta dos Titãs pelo que somos", diz.

Com o visual da praia do Leblon deserta em um dia nublado por trás, Jack come uma saladinha amena enquanto observa uns CDs do Emerson, Lake & Palmer – "eu costumava ouvir esses caras" – e nega umas sobremesas chocantes. Me conta que está tendo problemas com o equipamento do estúdio. "Algumas coisas não conheço bem e outras não funcionam perfeitamente. Parece que há muito tempo não usam o estúdio como um todo."

PALMAS PARA JACK

De volta ao trabalho, Charles dá uma dura na galera para manter a limpeza da sala enquanto eu apanho do Sonic no Game Gear do Branco. É bem diferente da versão para Mega Drive, que eu já tinha chegado ao final. Branco já está com todas as manhas do portátil.

Já com a sala arrumada, Jack aparece com a versão definitiva de "Hereditário" e mais a primeira finalização de "Será Que É Isso Que Eu Necessito?".

Escuta-se as duas. Algumas retificações para a segunda e Jack volta a fita. Para comparar essas faixas com "A Verdadeira Mary Poppins" e "Felizes São Os Peixes", que já estavam prontas. A galera aplaude, mas Jack encana com algumas coisas e volta mais uma vez para seu reinado: o estúdio.

Parto dessa para duas horas de entrevista com os caras. Uma verdadeira terapia de grupo, como eles mesmos constataram ao final.

Jogo aberto total. Nessa altura do campeonato já nos tratávamos como amigos e até tinha perdido os escrúpulos de sacanear um pouco com eles.

SOFRENDO

Ponte aérea Rio-São Paulo. Dou um tempo no fechamento da BIZZ de maio por uns dias e não vejo a hora de voltar ao Rio. Primeiro para uma entrevista que tinha combinado com Jack Endino. Segundo porque tinha curtido aqueles dias de game, conversas malucas e rock'n'roll.

Volto ao Rio, levo aquele papo com o Jack e tenho que voltar a São Paulo no mesmo dia. A galera reclama, me chama de bundão.

PAU

Chove para caralho quando chego na casa de Paulo Miklos para a tal audição e combinar as fotos que ilustram essa matéria e a capa da revista. Estão lá Branco, Britto, Paulo e Fromer. Branco conseguiu acabar o Sonic, no Game Gear. Partimos para a audição, em alto e bom volume.

Resultado: Gostei, mesmo com todo o lado "conceitual", o resultado é rock'n'roll de verdade. Prova de que são roqueiros mesmo: na sessão de fotos para esta revista, alguns Titãs apontaram uma daquelas típicas do De Falla, enchendo os bolsos de guloseimas e deixando a conta para nós. Sem contar que ficavam gritando "pau no cu do Forastieri, pau no cu do Camilo e pau no cu do Miranda também". Falou, velhinho! Muito artístico.

Conto para eles que este vai ser o primeiro disco dos Titãs que vou ter em casa e que o único que quase gostei tinha sido o *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*.

"Quase" porque, ao contrário da crítica em geral, tinha achado muito comedido na escatologia e na pancadaria para um fã de Carcass e outras podreiras no gênero. Todo mundo dá risada.

DE FELA PRODUÇÃO

Volto para a redação, conto que gostei do disco e ouço a frase esperada: "É só o Miranda ficar amigo de uma banda que já começa a gostar do som". Mentira. Sou amigo do Dinho, do Fê, do Loro e do Flávio, mas não consigo ouvir Capital Inicial. Me dou bem com o Paulo Ricardo mas nem por isso vou escutar RPM. Eles não fazem música para mim e sabem disso. No dia que eles fizerem umas músicas que eu goste, assim como aconteceu com os Titãs, não vou ter pruridos de achar legal.

Crítico, por incrível que pareça, também tem gosto. Ninguém precisa agradar ao mundo inteiro o tempo todo.

Como foram os primeiros contatos com o Jack Endino?

SÉRGIO BRITTO A idéia do Jack foi do Charles, dizendo que a gente podia trazer um produtor de fora. Eu, o Charles e o Fromer ficamos escutando as coisas que ele tinha produzido e achamos que podia ser mesmo. Mas parecia uma coisa inimaginável.

PAULO MIKLOS A gente até tentou o Butch Vig antes, mas não deu. O Jack, depois que ouviu nossos discos, pricipalmente o *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*, falou para o manager dele que ia topar, porque tinha gostado do som. Embarcou na idéia.

E vocês já tinham idéia de como seria o novo disco?

TONY BELOTTO Esse disco começou exatamente quando acabamos o outro. A gente sentia que tinha muita coisa deficiente. Coisas que precisávamos resolver. O Luminha era o cara que via toda a coisa de som e de repente a gente se viu sozinho.

NANDO Isso influenciou a maneira como compusemos o *Titanomaquia*. Tivemos a percepção do risco que corremos compondo o material do disco anterior em apenas três meses, o que pode resultar desigual. Desde então sabíamos que tanto precisávamos de um produtor quanto devíamos começar a compor imediatamente.

BRITTO Com dez anos de carreira pode-se correr o risco de fazer um disco relaxado, sem tanto compromisso com acabamento. *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* tinha um caráter de esboço. O Jack falou que aquele disco era uma boa demo. Mas sem ele não chegaríamos ao *Titanomaquia*.

BELOTTO Apesar de gostar daquele disco a gente foi capaz de avaliar as deficiências técnicas e do próprio processo. Descobrimos que tínhamos que aprimorar o processo de composição. Não era só chegar um com uma letra e o outro com a música.

Como foi o trabalho com o Jack Endino no estúdio?

BELOTTO Gravamos ao vivo, mas só para registrar baixo e bateria.

NANDO Ele queria tempo para dar bastante atenção às guitarras.

FROMER O lance não era parecer perfeito e sim que a gente estava tocando ao vivo.

BELOTTO O Jack dizia: "Não tente ficar perfeito que a perfeição é chata".

BRITTO Ele mesmo trocava as peles da bateria, mudava as combinações das válvulas dos amplificadores das guitarras. A gente gravou os vocais com vários tipos de microfone.

MIKLOS Às vezes ele gravava uma guitarra com um timbre e, depois de gravar a outra, voltava a gravar a primeira. Porque a segunda sugeria um novo caminho.

BELOTTO A guitarra é imperfeita. Dependendo do jeito que se toca, uma pode desafinar da outra.

FROMER Ele é perfeccionista num sentido diferente. Tem muita noção de como lidar com a banda. Ele sabe tocar todos os instrumentos. Sugeria algumas coisas mas tinha o cuidado de ver se soavam naturais. O lance dele é extrair o melhor de cada um.

MARCELO FROMER Mandamos a demo do novo disco em dezembro e ele pediu que estivéssemos bem ensaiados para a gravação. Sem brechas, por causa do pouco tempo para gravar. O Jack tem a característica de não mexer muito no som das bandas. E como ele deu o OK para a demo... Nos preparamos legal para gravar.

FROMER O Jack passou uma semana no estúdio onde a gente ensaiava. Foi legal para ele sentir o estilo de cada um. As limitações, no bom sentido. Ele é um cara que consegue pensar assim, tirando o melhor de cada um.

Vocês falam em risco. Faz até pensar que vocês tratam a banda como um emprego que não querem perder. Tem alguma coisa a ver isso? Que tipo de preocupação vocês têm com o trabalho?

NANDO A questão de tocar no rádio, ou não, não influencia a composição. Mas por outro lado *Tudo Ao Mesmo Tempo...* tocou pouco no rádio e isso tem um reflexo na agenda de shows.

BRITTO Isso faz parte do ciclo de trabalho. A gente grava uma música, depois tem que mixar, depois tocar no rádio e fazer shows.

FROMER A gente não é alternativo. Trabalhamos para a Warner. A estrutura é essa. Temos uma verba tal, chamamos o produtor que queremos... Para isso tem que ter uma resposta de venda que segure essa estrutura.

BELOTTO O problema é que temos um público grande. Vamos tocar na puta que pariu e sentimos que o rádio, e não a MTV, é o grande veículo no Brasil. Às vezes, num lugar que íamos tocar, as pessoas nem sabiam que tínhamos lançado um disco novo.

FROMER A divulgação que fizemos de *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* não foi rádio, foi show. Tanto é que a gente se esgoelou, não ganhou grana. Tocamos até de graça, mas fizemos cem shows.

BRITTO Não é um sentimento empresarial, é uma questão da tua realização pessoal.

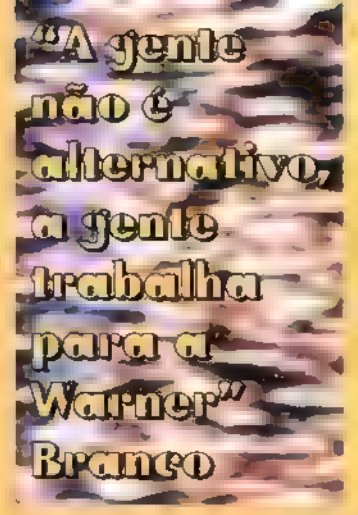
BELOTTO Eu tenho que manter esse "emprego" não por causa da grana, é porque tem muito tesão. Não consigo me imaginar em outra coisa que não seja gravar um disco e depois sair para a estrada. A vida fora dos Titãs é muito sem graça para mim. Aproveito o tempo livre para descansar.

MIKLOS Se for ver por esse lado, pode parecer um empregão. Mas não é.

Está surgindo no Brasil uma nova geração de bandas de rock. Como vocês vêem essa movimentação?

MIKLOS Eu espero que essa coisa dos selos independentes se fixe. É bom que se possa ter essa abertura. A gente está há oito anos dentro de uma gravadora grande e já assistimos o raciocínio que essas pessoas usam. As pessoas que decidem as coisas têm um raciocínio longe da realidade do fato cultural.

BELOTTO Eu acho que tem um grande vacilo das *majors*. Tem muita coisa legal rolando e as gravadoras estão investindo muito pouco nisso. A gente começou a botar bandas novas para abrir nossos shows no ano passado. Fizemos isso com Virna Lisi, Moleque De Rua, Volkana e outras bandas. É importante que essas bandas consigam se solidificar.



BRANCO MELLO No ano que passou, rolou muito uma discussão sobre a geração dos 80. Falando dos Titãs como se houvesse um atrito entre a gente e a geração nova. Uma coisa que não existe na verdade.

MIKLOS Foi uma forçação de barra. A gente tinha uma relação legal com o Virna Lisi. Aí não sei quem na *Folha de São Paulo* armou uma arapuca para eles, botando na boca dos caras: "Estamos entrando com um pé na porta. Vamos acabar com essa geração que já era. Agora somos nós. Somos nós contra eles". Chegou ao ponto dos caras procurarem a gente para dizer que não tinham falado nada daquilo.

Às vezes a imprensa, ao invés de fazer um elo entre as gerações – uma coisa que seria legal –, coloca uma coisa em detrimento da outra. Indispõe as duas partes. Era uma matéria que, ao invés de falar bem do Virna Lisi, usava-os, como banda nova, contra a geração anterior. É sacana porque queima a banda nova.

Depois de anos de unanimidade, a crítica resolveu meter o pau em vocês no *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*. Vocês parecem não ter gostado muito disso. O que acharam desse lance?

NANDO Depois dessa saraivada que levamos em *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*, em contraste com o que rolava antes, constatei que a crítica não tem nenhuma influência no público e, se você tiver o desprendimento, isto também não diz nada ao artista. O que me incomodou, na verdade, foi o critério ser essa questão da idade. Ter dez anos de carreira numa gravadora, com oito discos, significar que você está deteriorando é uma estupidez. Um cara que está tocando há dez anos e nunca gravou um disco é legal, o Titãs é uma bosta. O que sai na *Folha de Sao Paulo*, no *Jornal do Brasil* ou na BIZZ não faz a mínima diferença.

BRANCO Para a gente.

BRITTO Mas não para o público. Falando como comprador, se toda a imprensa fala bem de um disco, eu vou comprar de cara. Eu não tenho problema se falarem mal. O problema é um estilo que impera, que é muito sarcástico, muito ofensivo. É o mesmo que você estar andando na rua e um cara te xingar. Você fica queimado. Se falassem que o trabalho foi mal feito, que o cara canta mal... Isso não me ofende. Agora, se o cara fala "os palhaços desdentados da casa do caralho"...

BELOTTO O tapa que a gente levou foi positivo para colocar a gente mais na real e algumas críticas eram certas. O disco tem mesmo deficiências técnicas. Se estava todo mundo falando mal, algum problema tinha.

FROMER Eu acho que eles estavam por fora.

MIKLOS Pareciam os órfãos do O *Blesq Blom*.

BELOTTO A relação artista/crítica é engraçada. O artista tende a ser meio autocomplacente. Na época do *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* eu estava autocomplacente. Como a crítica é tremendamente irresponsável com ares de responsável, o espaço do jornal autoriza a falar a "verdade" e isso é perigoso pelos dois lados.

E aquela história de vocês terem rasgado a BIZZ num show em Sorocaba, como foi?

BRANCO Saiu na BIZZ uma crítica chamando a gente de palhaço desdentado. É uma coisa que eu acho de uma puta irresponsabilidade não sadia. Isso é ofensivo. É como você estar andando na rua e o cara falar: "Ô, seu babaca!". Você vai lá e mete a mão no cara. Ao invés de meter a mão no cara na rua, um dia, num show que tinha patrocínio da BIZZ, todo mundo rasgou a revista. Foi um jeito de revidar essa merda. Nunca vi tanta revista rasgada. O palco parecia uma BIZZ gigante.

Esse lance da produção do Jack Endino. Pode parecer que vocês tentaram fazer sozinhos, não conseguiram

ARNALDO ANTUNES ATACA SOLO

Enquanto *Titanomaquia* era fabricado, em 14 de maio Arnaldo Antunes assinava contrato com a BMG para três discos.

E sua primeira investida na casa nova já não é nem bem um disco. É um disco que é trilha de um vídeo, que é o clip do disco. Que pode ser acompanhado por um livro-roteiro. É o Arnaldão multimídia em ação.

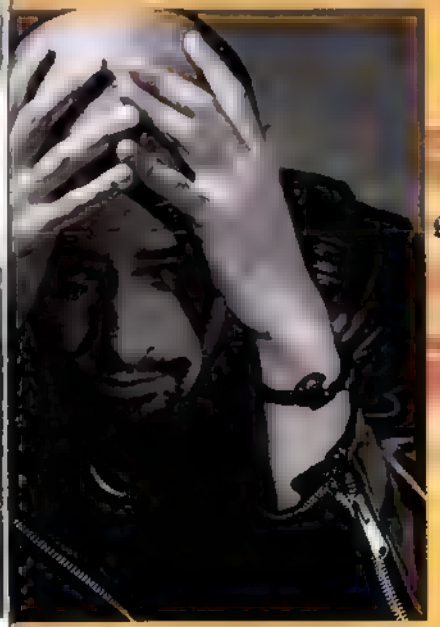
Essa engenhoca batizada *Nome*, que deve chegar às lojas no final de agosto e está sendo gravada no mesmo estúdio onde os Titãs gravaram seu disco, mistura poesia concreta, samplers, elementos acústicos e sintetizadores. "Não estou fazendo um disco convencional", avisa Arnaldo, "é um trabalho que aponta para uma diversidade maior do que os Titãs, que estão num projeto mais específico".

Para essas experimentações Arnaldo convocou Marisa Monte, Péricles Cavalcanti, Arto Lindsay, Edgard Scandurra, o baterista Edson X (ex-Gueto) e o percussionista Peter Price, entre outros convidados.

Quanto à sua saída dos Titãs, Arnaldo reiterou o que a banda já dissera. "Já vinha desenvolvendo esse projeto há mais de um ano, paralelo aos Titãs. Chegou uma hora em que ele ficou tão forte que tive de deixar a banda."

A gravadora parece botar fé no taco do cara, que promete misturar às suas invenções esquisitas "um lado forte de canção popular". Miguel Plopschi, diretor artístico da BMG, confidenciou para mim na assinatura do contrato que pretende mesmo reativar o selo Plug e conta com as dicas do ex-Titãs para as contratações.

Se você quiser conhecer o que Arnaldo Antunes maquina em sua carreira solo, pode dar uma conferida na coletânea *Rock De Autor* (Selo Manifesto). Nela, Arnaldo participa com a faixa "É Só", que está sendo retrabalhada para o novo disco. Ligue para Musik, fone (011) 282-7077.



chegar onde queriam e então chamaram o especialista. Ainda com o nome "Titanomaquia"... Os caras podem falar: "Ah! Titanomaquia? Titãs maquiam o som para ficar grunge". Faço até aposta que algum espertinho vai escrever isso.

CHARLES GAVIN O fato de você estar antenado no que está acontecendo conduz você e mais um monte de gente para o mesmo lugar. A gente pode estar sofrendo as mesmas influências de quem está na Califórnia, em Seattle ou na puta que pariu.

BRITTO O que tem em comum é uma forte influência do punk. É essa a sintonia estética que nos fez chamar o cara para trabalhar com a gente.

Quando o Arnaldo Antunes saiu da banda, foi um mistério geral sobre os motivos da separação. Vocês não acham que já está na hora de deixar as coisas às claras?

CHARLES Ele era um octavo da banda, mas desde o *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* a gente sentia, sem tocar no assunto diretamente, que o Arnaldo não estava muito satisfeito com a direção que a banda tinha tomado. Sabe quando você está se desinteressando de uma coisa e começa um processo de afastamento lento? A gente percebia mas, se lá, é o jeito do cara.

BELOTTO Ou pensava que ele estava com algum problema em casa.

CHARLES Ele era o cara mais fechado de todos nós. Aí, antes de gravarmos a demo desse disco, ele falou que estava pensando em deixar a banda por razões pessoais. Ele não queria mais excursionar com os Titãs. Não sentia mais tesão.

BRANCO Para ser simples, chegou um ponto em que a vida do Arnaldo não combinava mais com a vida dos Titãs. A gente tem uma vida em comum. Somos casados há dez anos. Nos vemos todo dia. Ou você está inteiro nisso ou não está. Chegou uma hora em que ele descobriu que não estava mais, então foi embora. Numa boa.

Isso potencializou para nós o que são os Titãs. Fortaleceu a banda. Eu senti um rejuvenescimento no grupo. Foi um peso por três dias mas, quando voltamos a ensaiar, deu um gás fodido.

> "Sempre supervalorizaram a influência do Arnaldo na Banda"
> Britto

MIKLOS Nesse disco tem participação do Arnaldo, na composição, em três músicas: "Hereditário", "Disneylândia" e "De Olhos Fechados".

Mas parece que tem mais dele espalhado pelo disco.

BRITTO Na verdade, o que parece que foi o Arnaldo quem fez, é o que sempre foram os Titãs. As pessoas atribuíam muitas coisas a ele. "Polícia" tem muito desse lado, mas foi uma música que o Belotto fez sozinho. Parece um traço estilístico do Arnaldo mas não é. Sempre supervalorizaram a influência dele na banda, que na verdade é igual a de todo mundo. Esse negócio das enumerações é uma idéia que veio do Nando.

BRANCO "O Pulso" é do Marcelo e do Belotto e seu estilo é sempre atribuído ao Arnaldo.

BRITTO Já "O Quê" é absolutamente do Arnaldo. É o terreno dele.

BELOTTO A supervalorização do Arnaldo é como se nós não fôssemos capazes de fazer nada que presta.

Eu vi vocês fazendo uma dessas listas e notei que não tem nada de sério. Fica todo mundo dando risada. Mas o resultado passa uma idéia de seriedade "artística". O visual de palco e a maneira de vocês se comportarem impõe um pouco dessa aura séria. Um ar arrogante de vocês estarem se propondo a fazer "arte".

BRANCO Nós nos divertimos para caralho.

CHARLES Quando lançamos o *O Blesq...*, cansamos de fazer entrevistas onde vários jornalistas não tinham nem escutado o disco. Aí falamos para a gravadora que, quando saísse o disco, mandassem para os jornalistas e quem quisesse entrevistar a gente, depois de ouvir, era só ligar que faríamos a entrevista. Isso foi enxergado pela imprensa como uma postura arrogante. Tentamos dar um corretivo que não funcionou. Pegou mal.

BELOTTO Nesse último disco tentamos abandonar um pouco o lance formal das letras. O jogo poético. Tentamos ser mais despojados e coloquiais. O formalismo também dava um aspecto arrogante. Como se a gente estivesse fazendo a "grande arte".

BRITTO Era a viagem do "belo" poético e musical que tinha no *O Blesq*.

BELOTTO Quando eu assisti ao making of do *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*, há pouco tempo, eu me achei um pouco iludido, inebriado.

CHARLES Nós somos um grupo de sete pessoas que em algumas situações acaba auto-suficiente. Quando nos damos conta, nos vemos isolados das pessoas. Como se fôssemos uma turma de colégio. Como turma, vai-se criando uma linguagem própria. Umas besteiras que se fala no grupo. Às vezes a gente faz uma letra e acha que as pessoas estão entendendo exatamente aquilo que, como grupo, pensamos.

BELOTTO Não é um equívoco achar que a gente possa ter passado essa imagem arrogante. Demos pano para a manga.

BRANCO Na proporção da nossa carreira, fica difícil ter controle de que as pessoas te olhem da maneira correta. É muito programa de televisão e entrevista. De vez em quando você faz umas cagadas.

MIKLOS E às vezes você faz isso se levando a sério demais.

BRANCO Mas também, se você viver encanando com isso, acaba só em função de um sistema.

BRITTO Sem essa porralouquice você não faz as coisas boas.

JACK ENDINO TECNOLOGIA E CRUEZA

Ele é um *workaholic* inveterado. Trabalha como um animal. O que surpreende na atuação de Jack Endino é como ele busca o tosco, o cru, com métodos sofisticados de experimentação. Sofisticados para nós. Para ele é simples técnica. Não é por menos que é sempre referido como "mestre" pelos Titãs. Chave de fenda na mão, ele fuça nas guitarras com intimidade. Troca as válvulas dos amplificadores, inventando combinações. Muda a velocidade da fita para alcançar tons e modificar timbres. Corrige a afinação em um conversor de freqüências. O grande truque é usar o cérebro. Falo para ele sobre o ex-Mutante Arnaldo Batista que tem mania com amplificadores valvulados e baixas freqüências. Reação: "Maravilhoso, eu também só penso nisso".

Pessoalmente, Jack é uma figura. Mistura rocker do Professor Pardal com o Pateta. Sempre de bermudas jeans rasgadas, um tênis rastaqüera e qualquer camiseta que esteja à mão. Sua companhia inseparável é uma sacola de supermercado toda arrebentada, onde carrega microfones, válvulas e biscoito água & sal. Para completar, o cara fala sozinho. Ou pensa em voz alta.

Incansável, é capaz de maratonas de dezesseis horas de estúdio. Repete os takes e mixagens até se dar por satisfeito. E não são poucas as vezes em que refaz um trabalho. No Brasil, aprendeu duas coisas muito importantes: jogar mau-mau e falar palavrões em português.

Como foram seus primeiros contatos com os Titãs?
JACK ENDINO – A gravadora me mandou o O *Blesq Blom* e eu pensei: "O que esses caras querem comigo?". Depois me mandaram um vídeo, gravado ao vivo no Hollywood Rock, e uma cópia do *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*. Era muito melhor. Pensei: "É a mesma banda?". OK, isso é completamente diferente. Eles são uma banda de rock. Achei que devia ser muito antigo. Eu não sabia que era o último antes de *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*.

Me parece que você não meteu muito a mão no som dos Titãs. Parecia, isto sim, querer tirar todo o caldo que os caras pudessem dar.
Meu trabalho é fazer o disco do jeito que eles são. Eu não entendo porque alguém vai fazer um disco com uma banda e fica tentando mudar o jeito dela ser. Tentar fazê-la soar "melhor" do que ela realmente é. Eu acho que um disco é legal quando a banda soa como nos shows

O que você achou dos Titãs no estúdio?
Eles são muito profissionais. Muito rápidos e trabalham duro. Não perdem tempo nenhum. Eu não mudei nada no som deles. Só enxuguei algumas músicas.

Você tocou guitarra em algumas músicas do *Titanomaquia*. Quais foram?
Toquei em duas musicas. Só pequenas partes de guitarra. Um pouco de base e feedback em "Disneylândia" e "Agonizando". Experimentei algumas coisas com baixo cheio de efeitos mas não usei. Não ficou legal.

Você traduziu, cantando em uma fita, as músicas do *Titanomaquia*. Pretende armar algum contato lá fora para os caras?
É muito difícil traduzir as letras dos Titãs para o inglês. Muitas delas simplesmente não funcionam porque somem as rimas e o significado de algumas músicas. Umas três ou quatro devem funcionar. Eles vão gravar os vocais em um DAT e me mandar. Seria legal poder lançar o trabalho deles fora do Brasil.

Deu tempo de conhecer legal o Brasil?
Eu gostaria de ter tido mais tempo, fiquei só no estúdio ou circulando de carro. Nós passamos um dia em Itatiaia, na cachoeira. Foi legal. Foi o único dia de folga.

Você nunca anda com a janela do carro aberta, não come certas coisas e não quis pular na água em Itatiaia. É algum tipo de paranóia em relação ao Brasil ou essas fobias são comuns em você?
O que eu devia pensar de um lugar que não se para no farol vermelho porque alguém vai te pôr uma arma na cabeça? Mas eu vi que não é tão perigoso. Me sinto mais seguro aqui do que em Manhattan ou Los Angeles.
Meu único problema aqui foi com a comida que é muito pesada. Feijoada é demais para mim. Eu sou um semi-vegetariano. Comi um bife de *chorizo* em Buenos Aires e demorei um tempão para esquecê-lo. Quando você vai trabalhar pesado não pode ficar com o estômago muito cheio. Dá preguiça. Açúcar, nem pensar.

Você também parece não gostar muito de álcool e drogas.
Quando estou trabalhando. E estou trabalhando quase sempre.

E trabalhando com bandas como o Nirvana, que são notórios fissurados em drogas?
Nunca tive problemas no estúdio. Eles se drogam fora do estúdio. Kurt Cobain, quando aparece, é um cara sério no estúdio. Eu nunca vi ele tomar uma cerveja, fumar um baseado ou tomar um pico no estúdio. Eles estão lá para gravar. Guardam as festas para outros lugares. Algumas bandas enchem a cara de cerveja no estúdio e eu digo: "nós não vamos fazer deste um bom disco se vocês estão bêbados". Uma cerveja tudo bem, mas você não vai tocar bem bateria se estiver bêbado. A gente tem que ajudar as pessoas às vezes. E eles acreditam em mim. (*risadas*)

CABRA-CEGA

Jack Endino escutou algumas das melhores bandas do novo rock brasileiro, numa fita especialmente gravada para isso. Apresentei-as para ele com um rápido papo sobre estilo, filosofia, contexto e letras. Eis seu comentário final
"Parece que tem muita coisa boa por aqui. Se eles fizessem discos, seriam discos muito bons. Nos EUA eu ouço muita imitação. Imitam Soundgarden, Nirvana... Mas o som daqui é muito diferente. Todo mundo tem influências diferentes. Eu gostaria de entender mais as letras, mas eu também não presto muita atenção às letras de qualquer maneira."

"Nêga Jurema" — Os Raimundos (Brasília)
"Isso é muito legal. É engraçado. Eles são thrash mas não são como o Sepultura. Eles são sérios? Muito interessante."

"A Cidade" — Chico Science & Nação Zumbi (Recife)
"Tem um ritmo muito legal. O pessoal daqui é bem maluco mesmo. Gostaria de ouvir mais coisas deles."

"The Weak" — Jully Et Joe (Curitiba)
"Estranho. Com uma produção melhor eles soariam muito bem. É em inglês mas eu não consigo entender as letras."

"Top Of The Hill" — Rip Monsters (São Paulo)
"Parecem comerciais, no bom sentido. Eles podiam ser de qualquer lugar, não parece brasileiro. Por que eles ainda não estão contratados por uma grande gravadora? É hard rock dos bons."

"Troops Of Olodum" — Gangrena Gasosa (Rio de Janeiro)
"Esse tipo de música sempre me faz rir. Essa coisa de thrash e heavy metal. Eu já ouvi um monte de discos desses estilos e é sempre igual e engraçado. Isso não é uma crítica. Você tem que rir porque eles são muito malucos. Eles tem senso de humor. Não devem se levar muito a sério, não é?"

"Black Man" — Brother Rapp (Juiz de Fora)
"Isso é muito mais que thrash. São pesados mas misturam coisas bem diferentes. Já tem Sepulturas demais por aí."

"UFO Technology" — Mequetrecs Suplicantes (Porto Alegre)
"Que diabo é isso? Bolthrower? É o tipo de coisa da Earache Records. Eles soam como uma banda da Roadrunner mas são bem mais esquisitos."

"Underworld" — Magog (Curitiba)
"Heavy metal de verdade. Gostei muito desse som. Ninguém que faz heavy metal de verdade se considera heavy metal. Tudo que as pessoas chamam de heavy metal não tem nada a ver. Esses wah-wahs são alucinados. Muito bom, mas é muito longo. Não gosto de músicas muito longas. Muitas bandas fazem músicas boas, mas longas demais. Eles têm um som muito bom."

"Hare" — Graforréia Xilarmônica (Porto Alegre)
"Estranhíssimo! Isso é uma maluquice! Gosto muito disso. Grande trabalho de guitarra. Eles são uns doidos. Eu queria uma cópia dessa fita."

OS PIORES DISCOS DO MUNDO

Lista de Melhores, todo mundo já fez! Preferimos perguntar para vinte críticos brasileiros: "quais os piores discos já gravados?"

Para que o resultado fosse algo sério, científico, criamos critérios rigorosos. Não bastou ser muito ruim para entrar nesta lista. Tinha que ser um daqueles discos que dão raiva, por terem tocado muito durante muito tempo ou por terem exercido influência especialmente nefasta. Por isso, não aparece aqui gente como Toto, Kansas, Boston ou Journey.

Também foi pedido aos vinte votantes que evitassem os discos ao vivo (que em geral são chatos mesmo) e as trilhas sonoras (que vêm sempre acompanhadas do respectivo abacaxi cinematográfico). Mas em ambos os casos, as indicações foram aceitas. Disco brasileiro não valeu – o volume é pequeno demais. Quem sabe depois fazemos uma só para os artistas nacionais (se bem que tem muita tranqueira...)

Outra recomendação aos críticos foi a de que escolhessem discos de artistas que, ao menos em algum ponto da carreira, tivessem feito algo de interessante. E nem assim chegamos em nenhuma espécie de unanimidade. Um cara deu três votos no Sting, outro mandou ver nos Smiths, o *Nevermind* do Nirvana foi citado duas vezes. E sairam alguns paus do tipo "esse disco não pode entrar, é bom demais!"

O resultado, enfim, revelou alguns dados curiosos. dois terços dos discos escolhidos entre os 25 eram de artistas britânicos. Nenhum artista negro entrou nesta lista negra. Entre os escolhidos, os discos mais antigos datam de 70 (apesar de vários nomes surgidos na década de 60 estarem na relação), enquanto o ano de 85 marca a maior quantidade de porcarias (seis álbuns). A quase totalidade dos discos que aparecem aqui foram grandes sucessos de vendas. E é claro que a lista não é unânime e nem pretende ser completa – cadê Phil Collins e Billy Joel?

Se você se sentiu indignado, revoltado mesmo, com algum dos discos ou artistas escolhidos, há uma chance de vingança. Escreva para BIZZ elegendo os "piores de todos os tempos", que nós vamos publicar as suas listas mais venenosas, sacanas e bizarras.

Sting

1. STING

...Nothing Like The Sun (87)

É campeão! É campeão! .. Sting juntou um batalhão de convidados especiais (Gil Evans e orquestra, Eric Clapton, Mark Knopfler), "mensagens" políticas rastaqueras e citações pseudo-intelectuais em um pastiche de pop, jazz e som latino. Deméritos especiais. "Fragile" (per)vertida para o português e o estupro do clássico de Jimi Hendrix. "Little Wing". Para ampliar a tragedia, só o EP derivado ...*Nada Como El Sol*, lançado em 88 com versões em castelhano para quatro faixas do álbum, incluindo "Little Wing"!!!

2. DIRE STRAITS

Brothers In Arms (85)

Ao longo de sua carreira, Mark Knopfler foi transformando seu country rock despojado e eficiente num odioso som de arena, com verniz de "autenticidade". A multipremiação deste *Brothers In Arms*, o sucesso de "Money For Nothing" e o fato dele ter sido o álbum mais vendido na Inglaterra em todos os tempos, só atestam a velha maxima: "Trilhões de moscas não podem estar erradas... *eat shit*"

3. BRUCE SPRINGSTEEN
Born In The U.S.A. (84)
O disco multiplatinado ficou por dois anos nas paradas, tendo sua imagem imediatamente associada àquele clip ufanista da faixa-título ao vivo, com Bruce fazendo aquelas caras de quem está sofrendo de prisão de ventre. Mesmo os fãs de discos como *Born To Run*, *Nebraska* e *The River* dão o braço a torcer quando se trata deste álbum, a overdose populista que Bruce Springsteen demonstra quando tenta encarnar o *american hero* que venceu na vida é de torrar a paciência de qualquer mortal.

4. YES
Tales From Topographic Oceans (73)
Que dizer de um álbum duplo com quatro músicas – cada uma ocupando os vinte minutos aproximados de um lado do vinil? Sinta só o drama dos títulos dos quatro "movimentos" da suíte: "A Reveladora Ciência De Deus (Dança Do Amanhecer)", "A Lembrança (Eleva A Memória)", "Os Antigos (Gigantes Sob O Sol)" e "Ritual (Nós Somos Do Sol)". A apoteose do progressivo rococó, do mesmo ano do tríplo ao vivo *Yessongs*. Dose para dinossauro.

5. PINK FLOYD
The Final Cut (83)
Roger Waters é o principal responsável por este "réquiem para um sonho de pós-guerra". O que em português claro só pode significar aquelas velhas encanações do baixista contra as "autoridades constituídas", embaladas por seu proverbial mau-humor e nem sombra do som que o grupo fazia na primeira metade dos anos 70. Outros discos como *More*, *The Wall* e os álbuns solo de Waters apareceram em algumas listas. Mas em matéria de pé-no-saco, *The Final Cut* é hors concours.

6. PAUL SIMON
Graceland (85).
Só por canções pegajosas como "Mrs. Robinson", "Bridge Over Troubled Waters" e "El Condor Pasa", a dupla Simon And Garfunkel mereceria ser citada. Mas Simon extrapolou tudo de infeliz que já vinha feito ao soltar seu lado "neguinha" e ir à África do Sul gravar este "disco de raízes" com músicos locais. World music? Não, um samba-do-crioulo-doido que seria repetido em *The Rhythm Of The Saints* (89), desta feita com o grupo baiano Olodum como vítima do gringo mala.

11. JOHN LENNON & YOKO ONO
Double Fantasy (80)
O famoso disco que Mark Chapman "ouviu e não gostou". Rachando um álbum tão chato com sua esposa, Lennon deve ter irritado o fã desequilibrado, que não resistiu ao impulso assassino. O disco, pior ainda, detonou uma romaria insuportável de tributos e homenagens.

12. RUSH
Hemispheres (78)
O trio canadense, respeitado pelos admiradores do som pesado e do rock progressivo, às vezes reunia as tendências mais pentelhas de cada um destes estilos. *Hemispheres*, com seus temas intermináveis aliados aos delírios sci-fiction das letras é prova definitiva disso.

13. TOM WAITS
Rain Dogs (85)
A imagem que Waits mais passa é a do outsider que é impar o povo yuppie. Ou seja, dá para imaginar um alto executivo chegando em casa, servindo-se de um scotch doze anos e colocando um Mini-Disc de *Rain Dogs* em seu aparelho de última linha. Que [redacted]

14. THE CLASH
Cut The Crap (85)
Se alguém conseguiu convencer totalmente os punks como "traidores do movimento", estes foram Joe Strummer e Paul Simonon quando se juntaram a três moleques anônimos para fazer esta paródia não-intencional, extemporânea e sem graça de sua antiga banda.

15. BOB DYLAN
Saved (80)
Mr. Zimmerman, convertido ao cristianismo, gravou um álbum tão medonho como a própria capa (desenhada por ele). Hinos religiosos como a faixa-título e "Saving Grace" sugerem um encontro de Woodie Guthrie com o pastor evangélico Jimmy Swaggart.

16. PAUL McCARTNEY
Give My Regards To Broad St. (84)
Não bastasse as versões requentadas de hits dos Beatles e a melosa "No More Lonely Nights", esta trilha também serviu para o velho Macca expor toda sua canastrice como ator e roteirista. Curiosidade: o nome do produtor é Andros Epaminondas!

17. JETHRO TULL
Thick As A Brick (72)
Uma só música (de mais de quarenta minutos!) prova que Ian Anderson & Cia. já eram chatos na "fase clássica" do grupo. Depois vieram discos piores como *Under Wraps* e *Crest Of A Knave*. Um conselho: vá criar salmões que você ganha mais, meu chapa!

18. EMERSON, LAKE AND PALMER
Love Beach (78)
Aqui, a capa – mais adequada para um disco do Trio Los Panchos – denunciava o conteúdo: uma sucessão das baladinhas de Lake e um longo tema de Emerson que a galera fã do progressivo deve execrar. Uma ótima razão para o trio ter se separado em seguida.

19. MIKE OLDFIELD
Tubular Bells (73)
Após duas décadas, Oldfield fez um segundo volume deste disco que foi seu maior sucesso. Mas nada como o original para torrar a paciência, com o cara tocando seus "sinos tubulares" e mais uma montanha de instrumentos em overdubs para fazer boi dormir

20. FRANK ZAPPA
Shut Up 'N' Play Yer Guitar (81)
Não fosse só o virtuosismo estéril de Zappa (só capaz de interessar a guitarristas?), este álbum instrumental gerou duas continuações no estilo: *Shut Up 'N' Play Yer Guitar Some More* e *The Return Of The Son Of Shut Up 'N' Play Yer Guitar*. Sexta Feira 13 perde.

7. DAVID BOWIE
Never Let Me Down (87)
Ao contrário do que diz o título, este é um álbum que sempre deixa a gente mais deprimido. O passado musical de Bowie teve várias fases de destaque e poucos pontos baixos, mas nunca ele havia submergido no pântano da mediocridade como em *Never Let Me Down* – uma pisada no tomate já esboçada em *Tonight* (84), seu fraco disco anterior. A faixa-título, "Day-In, Day-Out", a versão de "Bang Bang" (Iggy Pop) e mais oito barbaridades: nada se salva nesta sucessão de equívocos. Pior que o Tin Machine.

8. THE SMITHS
Meat Is Murder (85)
Menos pelo *background* instrumental dos músicos do que pela afetação do vocalista Morrissey, os detratores do grupo de Manchester conseguiram emplacá-lo nesta lista. A militância vegetariana aqui se mistura com letras "sensíveis" e pouca inspiração na parte musical. Depois do fim do grupo, houve coisas piores tanto da parte de Morrissey (seus dois primeiros álbuns solo) como de Johnny Marr (o duo Electronic). Mas em matéria de The Smiths, este é o "assassinato"

9. U2
Rattle And Hum (88)
Para alguns, o período mais irritante do som do U2 estava no messianismo assumido em *War* (83) e burilado em *The Unforgettable Fire* (84) e *The Joshua Tree* (87). Mas o álbum duplo – que também serviu de trilha para o documentário – é o que retrata a procura das "raízes americanas" que se abateu sobre o quarteto irlandês. Em busca das "origens do rock", eles decalcaram gospel ("Angel Of Harlem"), Bo Diddley ("Desire") e enterraram B.B.King ("When Love Comes To Town").

10. RICK WAKEMAN
Journey To The Center Of The Earth (74)
Os ossos de Julio Verne até hoje devem se remexer na tumba com esta adaptação musical de seu livro, por conta da parafernália de teclados comandados por Wakeman (balançando as madeixas loiras e a capa prateada) mais um grupo com dois vocalistas, coral e a Orquestra Sinfônica de Londres, sem contar o narrador da história. A união de rock com música clássica frequentemente gerou monstruosidades, mas este disco ultrapassou todos os limites

21. DAVID BYRNE
Rei Momo (89)
Quando o ex-líder dos Talking Heads resolveu virar "brasilianista", jogou pela janela o pop inteligente que praticava nos bons tempos de sua antiga banda. Em *Rei Momo*, ele incursionou pelo som latino com o balanço de um turista bêbado perdido no carnaval.

22. NEW ORDER
Brotherhood (86)
A infeliz união da herança cavernosa do Joy Division ao tecnopop sintetizado gerou este álbum, que não só apontava na direção do posterior *Technique*, como também para os grupos medíocres que seus membros fizeram depois (como o Electronic e o Revenge).

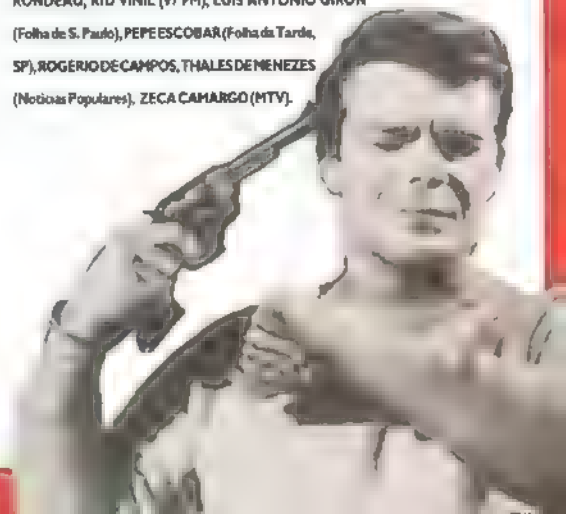
23. SIMPLE MINDS
Once Upon A Time (85)
Aqui mais outro típico exemplo de uma boa banda em seus primeiros discos (no caso, um dos expoentes da new wave), que ficou insuportável com o passar do tempo e a vinda do sucesso. E este álbum praticamente inaugurou a fase "Bono Vox piorado" de Jim Kerr

24. THE BEATLES
Let It Be (70)
John e Paul já entraram e para não deixar George e Ringo de fora, vamos com o primeiro álbum "póstumo" do fab four. Só para não se furtar de cometer a heresia suprema para os beatlemaniacos: colocar na lista o quarteto, ainda por cima gravado por Phil Spector.

25. DEEP PURPLE
Concerto For Group And Orchestra (70)
Registro de um show no Royal Albert Hall, com a banda junto de uma orquestra sinfônica. Um monumento à pretensão e ao exagero musical. Sorte que Ritchie Blackmore tomou as rédeas do grupo, após este desastre conduzido pelo tecladista Jon Lord.

OS VINTE VOTANTES

ALEX ANTUNES (Folha de S. Paulo), ÁLVARO PEREIRA JR.(Notícias Populares), ANDRÉ BARCINSKI (Jornal do Brasil), ANDRÉ FORASTIERI, ARTHUR G. COUTO DUARTE (Estado de Minas), BIA ABRAMO (Folha de S. Paulo), CAMILO ROCHA, CARLOS EDUARDO MIRANDA, CELSO PUCCI, CLÁUDIO CAMPOS, EVA JOORY (O Globo), JIMI JOE (O Estado de S. Paulo), JOSÉ AUGUSTO LEMOS, JOSÉ EMILIO RONDEAU, KID VINIL (97 FM), LUÍS ANTÔNIO GIRON (Folha de S. Paulo), PEPE ESCOBAR (Folha da Tarde, SP), ROGÉRIO DE CAMPOS, THALES DE MENEZES (Notícias Populares), ZECA CAMARGO (MTV).



PORTÁTEIS PHILIPS. O SOM PARA JOV ENS PREOCUPADOS COM O FUTURO.

(O FUTURO FIM DE SEMANA. O FUTURO ACAMP AMENTO. O FUTURO FERIADO PROLONGADO.)

CD SOUNDMACHINE
AZ 8101

- CD PLAYER
- SHUFFLE
- INTROSCAN
- REPEAT
- FM ESTÉREO, AM E OC
- DUPLO DECK
- HIGH SPEED DUBBING
- TBG (TURBO BASS GENERATOR)

PORTÁTEIS PHILIPS. O FUTURO EM SUAS MÃOS.

A TENDÊNCIA É PHILIPS.

PHILIPS

SUCESSO ABSOLUTO DE CRÍTICA E DE PÚBLICO

6 ANOS EM CARTAZ

Seis anos dando os melhores toques. Simplificando tudo pra você que é apaixonado por cinema e vídeo. Seis anos indo além das telas, trazendo até você o glamour da sétima arte, mostrando os bastidores, as estrelas e todo o brilho do mundo do cinema.
Pra comemorar, SET preparou este mês uma superprodução. Não perca!

NAS BANCAS

OS 20 HOMENS mais PODEROSOS da MÚSICA BRASILEIRA

Se você é músico, estes são os caras que você deve badalar se quiser fazer sucesso a qualquer preço. Os empresários que podem armar um esquema bacana para uma turnê pelo país, gente de gravadora que pode não só arrumar um contrato legal como também garantir um belo esquema de marketing para sua banda. Gente de rádio que pode te dar uma força. Muitos não são os primeiros na hierarquia de suas empresas, mas todos são os tais, os que apitam no mundo pop brasileiro.
É claro que esta lista não pretende ser completa, até porque as hierarquias e tudo mais mudam muito rápido nesse meio. E tem gente bem difícil, que nem quer ver jornalistas fuçando suas vidas. Mas com esta listagem – um pouco de talento, muita sorte e cara de pau – você pode ir longe.
E se você não tem nada a ver com o mundo da música... bom, sempre é interessante saber quem está puxando os pauzinhos, certo?

Por Rogério de Campos foto rosto: Sérgio Nedal ilustração: Matangra

MARIOZINHO ROCHA

Nas mãos do diretor musical da Globo estão as melhores chances de um cara comum virar ídolo

Pode haver dúvidas sobre o numero 2, mas não sobre o número 1. Mariozinho Rocha, 46, diretor musical da Rede Globo, é o homem mais poderoso da música brasileira.

É ele quem escolhe as vinhetas musicais da Globo, indica vídeos para o *Fantástico* e, o principal, escolhe as músicas das novelas da Globo. Todas as noites, ele faz as mesmas canções serem ouvidas ao mesmo tempo em milhões de lares brasileiros. Nem é preciso explicar mais o poder do homem.

O telefone em sua sala não pára: são empresários, gente de gravadora, artistas. Um monte de bacanas, porque os do segundo escalão já param em Arisa, sua secretária há 17 anos. Vejo ela atender a um bem conhecido compositor da MPB (não vou dizer o nome, sou educado): "Olha, ele não vai poder te receber agora, está no estúdio". Ele não está em estúdio, mas a Arisa me diz que o tal compositor é insistente demais: "esse não pára de ligar".

Ela me conta de outros mais insistentes, sujeitos que invadem o escritório e começam ali mesmo na recepção a cantar suas músicas na esperança de ser atendidos pelo "poderoso". Um outro que finge ser consertador de alguma coisa, para conseguir passar pela segurança do prédio da Globo no Jardim Botânico e invadir a sala do Mariozinho Rocha.

Mariozinho é gente de gravadora. Já trabalhou em quase todas. Foi diretor artístico da EMI, Sony e PolyGram. Produziu diversos discos da Gal Costa, Milton Nascimento, Gonzaguinha, 14 Bis e outros. "É mais fácil falar de quem eu nunca produzi." Chegou a acumular a direção artística da PolyGram e trilhas para novelas da Globo. Hoje se dedica só à Globo. E não é pouco: "90% das coisas musicais que acontecem dentro da Globo são responsabilidade minha".

Ivone Kassu, assessora de imprensa de Roberto Carlos (há 15 anos), Milton Nascimento, Ney Matogrosso e outros bacanas não têm dúvida: "Mariozinho Rocha é o cara que mais vende discos no Brasil. Quem estiver na direção musical da Globo é o maior vendedor de discos do Brasil".

Para ela, até o rei Roberto Carlos tem que ter ajuda do soberano maior: "O próprio Roberto Carlos entrou na trilha sonora de *Pedra Sobre Pedra* e isso levantou a venda do disco dele, em um período duro, de recessão".

"O poder que a Globo exerce sobre a mídia é absurdo", diz Rafael Borges, empresário do Legião Urbana. "Com a importância que as novelas têm no Brasil elas fazem o sucesso de uma música. Isto está comprovado nestes anos todos", diz Ana Fonseca, ex-diretora de marketing da Warner, atualmente com seu próprio selo independente, o Lux, "a própria vendagem da Som Livre mostra isso." A Som Livre é freqüentemente a maior gravadora do Brasil, graças, é claro, às trilhas de novela (a competição é com a Sony Music).

"É indiscutível que a telinha da Globo é um canhão. E a novela é talvez o canhão mais poderoso da Globo. É uma vitrine muito poderosa", assume Rocha.

Vange Leonel, que se tornou conhecida do grande público depois que sua "Norte Preta" entrou na trilha de *Vamp*, tem sua explicação para o sucesso de músicas em novelas: "Você vende a música pegando as pessoas comovidas, as pessoas estão envolvidas com a cena e você joga a música ali". Ricardo Henrique, diretor artístico da Jovem Pan, tem uma explicação parecida: "No rádio você só tem o áudio. Na TV você fica anestesiado pela imagem e a música entra com mais facilidade".

Ainda assim, Ricardo Henrique acredita que o poder das novelas diminuiu muito. "Antigamente as novelas traziam músicas novas, lançavam muita coisa. Hoje as trilhas estão pegando o que já é sucesso no rádio. É aquela coisa de mínimo esforço para maior retorno."

"Nós não temos nenhum tipo de preconceito", diz o diretor musical da Globo. "Se você acompanhar as trilhas, é comum encontrar artistas que estavam afastados e que voltaram. Como o 14 Bis, que estava sem gravar há muito tempo, voltou em *Pedra Sobre Pedra*, e isso motivou a EMI a contratá-los. Também tem gente que nunca tinha gravado antes."

Manoel Poladian, o empresário por trás do sucesso do RPM e Daniela Mercury, acha que exageram o poder das novelas: "Só esses imbecis de gravadoras para achar que colocando música ridícula em novela ela irá fazer sucesso". Lembra que nem RPM nem Daniela Mercury entraram em trilhas.

Mariozinho concorda com Poladian. "A novela é uma catapulta, ela queima etapas. Mas, por exemplo, os Titãs, que eu me lembre, nunca entraram em trilha de novela. E o poder das rádios é muito grande. Quem referenda esse sucesso é a rádio. Se as rádios não tocam, não faz sucesso. De repente, até o personagem para quem a trilha é escolhida influencia. Às vezes o personagem cresce, o público o elege inesperadamente e sua música faz sucesso."

A briga por um lugar em trilhas de novela é dura. Ou, como prefere Ana Fonseca, "tem muita concorrência para mostrar as músicas para as pessoas certas". A mesa de Mariozinho fica cheia de fitas cassete e CDs. "Eu sempre ouço tudo. É evidente que depois de certo tempo a gente já está com certa prática, logo no início a gente já percebe do que se trata."

Correm histórias de mil armações, jabás etc. Mariozinho Rocha nega. "Evidente que tem pessoas mal informadas, que não me conhecem bem, na maior parte gente ingênua, que ouve falar isso e aquilo outro. Me telefonam com a conversa de que querem bater um papo pessoalmente... Digo que estou ocupado e pronto."

Mariozinho Rocha compara seu trabalho ao de um figurinista. "Ele tem a preocupação de vestir um personagem, com roupas e adereços adequados, eu tenho a mesma preocupação. Não posso deixar de vestir adequadamente os personagens."

"Tem gente que vem reclamar comigo que não coloco samba em novelas. Eu digo para irem reclamar com os autores das novelas. Eu não tenho nada contra qualquer ritmo, não me interessa se a música sertaneja agora está em baixa. Se eu tenho um personagem, em que combina a música sertaneja, por que não Chitãozinho e Xororó? Assim como nada impede que Sepultura vire trilha de novela."

"não há nada interessante na música brasileira, fora a axé"

tutinha, jovem pan

Tutinha

Nome: Antonio Augusto Amaral de Carvalho Filho
Idade: 37 anos
Cargo e função: Coordenador Geral da Rádio Jovem Pan.
Qual é a praia: Trabalha com tudo que for comercial, de Axé Music a Metallica.
Preferências musicais: MPB, principalmente as músicas e artistas mais antigos.
Currículo: Começou fazendo produção musical na equipe de Nilton Travesso na TV Record, fez trilha de novela também na emissora. Foi para a Jovem Pan fazendo programação AM, depois passou para FM. Está há16 anos na rádio.
Frase: "Não há nada o que tocar de interessante na música brasileira. Por isso adotamos a axé music. Pelo menos é diferente. Os grupos de rock estão totalmente desgastados."
Qual é a receita do sucesso? "Se eu soubesse não andaria divulgando."

João Araújo

Idade: 57 anos
Cargo: Presidente da Som Livre (16% do mercado brasileiro e uma das duas maiores do país) e da ABPD – Associação Brasileira dos Produtores de Discos.
Preferências musicais: MPB
Currículo: Entrou para a gravadora Copacabana, em 1953. Em 67, fundou a Som Livre. É pai de Cazuza.
Frase: "A televisão dá sua chancela, mas são as rádios e as trilhas sonoras de novela que fazem o sucesso."

Pena Schmidt

Idade: 43 anos
Cargo e função: Dono do selo Tinitus
Qual é a praia: Rock alternativo.
Currículo: Nasceu em Santos. Começou aos 14 anos produzindo, vendendo shows e até tocando pandeiro. Se tornou engenheiro de som, projetou instrumentos para a Giannini e produziu os Novos Baianos, entre outros. Foi correspondente em Londres da revista *Pop*, produtor da Warner, lançou as bandas Titãs, Ultraje, Ira e produziu o último disco de Jorge Benjor. Foi responsável durante seis anos pelo som do desfile das escolas de samba do Rio.
Frase: "Não gosto do sucesso excessivo. Ele é fruto da unanimidade. E, como dizia Nelson Rodrigues, toda unanimidade é burra."

Titi Civita

Nome: Victor Civita Neto
Idade: 28 anos
Cargo: Diretor geral da MTV. É responsável por toda programação e produção da emissora
Preferências musicais pessoais: Música clássica e reggae.
Currículo: É artista gráfico, especialista em computação gráfica, formado em Ciências Políticas na Universidade de Boston e Psicologia na Universidade de Nova York. Foi gerente de promoção, responsável pelas vinhetas da emissora.

João Eduardo

Nome: João Eduardo de Faria Filho
Idade: 38 anos
Cargo: Dono da Cogumelo Discos, o maior selo independente do Brasil. Descobre, produz e lança bandas.
Qual é a praia: Heavy Metal e rock alternativo.
Preferências musicais: "Dos antigos, Creedence Clearwater, Neil Young e Free. Dos novos, Nine Inch Nails e Helmet. A maioria das bandas de Seattle é uma merda."
Currículo: Descobriu o Sepultura.
Frase: "O importante é lançar bandas com valor artístico. Mesmo que dê prejuízo."

Sérgio Moreira

Idade: 28 anos
Cargo: Coordenador artístico da rede Transamérica.
Currículo: Nasceu em Limeira, interior de São Paulo. Sempre atuou em rádio. Formado em Comunicação Social, trabalhou no Sistema Jornal de Rádio e na Stereo Som em Limeira. Em 89 assumiu a coordenação da Transamérica em Recife, Curitiba e Rio até chegar à coordenação da rede em São Paulo. Toca bateria.
Frase: "As bandas de rock nacional não acompanharam a evolução da música lá fora". "Não existe regionalização quando trata-se de música jovem. O público é o mesmo do Oiapoque ao Chuí."

José Fortes

Idade: 32 anos
Cargo: Empresário do Paralamas, Titãs e Fernanda Abreu. Dono da produtora Os 4 Produções Artísticas.
Preferências musicais: "Na minha casa tem de Marisa Monte a Pantera."
Currículo: Conheceu Herbert Vianna na faculdade, onde eram colegas de turma. Era uma espécie de faz-tudo no começo da carreira do Paralamas. Formado em Arquitetura na UFRJ, depois de trabalhar na área, entrou para o showbiz. Abriu seu escritório e começou a vender shows.
Frase: "A setorização do mercado contribui para o surgimento de novas bandas. Com certeza deve sair alguma coisa legal, dos selos independentes."

Rafael Borges

Idade: 40 anos
Cargo: Empresário do Legião Urbana, Cássia Eller, Midnight Blues Band, Kid Abelha e outros. Dono da Sal Produções Artísticas.
Preferências musicais: "Gosto mesmo é de Stones, Who, Led Zeppelin..."
Currículo: Fez um curso de cinema em Bruxelas, se especializou em documentários e produziu alguns curtas. Trabalhou em casas noturnas, até passar a produzir shows. Em 87 assumiu o Legião Urbana.
Frase: "A tecnologia democratizou a música. O artista não precisa mais pertencer a uma grande gravadora para lançar um disco com qualidade."

Dody Sirena

Idade: 32 anos
Cargo: Empresário e sócio da produtora DC Set. Pesquisa, negocia e traz artistas internacionais para o Brasil.
Preferências musicais: "Não tenho nenhum preconceito, tenho discos de Pavarotti a Metallica.".
Currículo: O início foi organizando movimentos estudantis aos 16 anos, no Rio Grande do Sul. Passou a promover festas, onde iam até 10 mil pessoas. Levou o Van Halen para Porto Alegre, até que montou um escritório em Los Angeles (sem saber falar inglês). Se deu mal. Voltou para o Brasil no prejuízo, fundou a DC Set. Hoje, diz que está envolvido em 80% dos shows internacionais que acontecem no Brasil. Trouxe Metallica e Gun'N Roses.
Frase: "Existe uma máfia muito grande no showbiz. Se for preciso matar, para conseguir um artista, eles matam."

Manoel Poladian

Idade: 50 anos
Cargo: Dono da produtora Poladian Produções Artísticas. Vende, produz e promove os shows de Daniela Mercury, Ney Matogrosso e outros.
Currículo: Começou produzindo comédias musicais. Em 61 fez o 1º Festival de Bossa Nova do país, "onde surgiram João Gilberto e Tom Jobim". Produziu o 2º Festival Internacional da Canção, que lançou Gilberto Gil e Caetano Veloso. Empresariou Rita Lee, Titãs, Maria Bethânia, Gal Costa, Elis Regina, Roberto Carlos, Ney Matogrosso, RPM. Promoveu os shows de Tina Turner, Sting e David Bowie. É formado em Direito Administrativo na Sorbonne.
Frase: "Alguns artistas não conseguem administrar o sucesso, o RPM é um desses casos. A fama subiu-lhes à cabeça", "No Brasil tem muito empresário que não é empresário e muito diretor de show, que não tem a menor idéia do que é dirigir."

Miguel Plopschi

Idade: 48 anos
Cargo: Diretor artístico da BMG-Ariola. Define contratações e quando os nomes do cast entram em estúdio.
Preferências musicais: Jazz.
Currículo: Ex-saxofonista dos Fevers durante os anos 60 e 70, começou a produzir discos a partir de 71 na EMI, sempre na área popular romântica. Está há 9 anos na BMG.

Luis Oscar Niemeyer

Idade: 36 anos
Cargo: Presidente da BMG-Ariola.
Preferências musicais: Rock antigo. Stones, Crosby, Stills & Nash etc.
Currículo: Organizou a 1ª edição do Rock in Rio em 85. A partir daí, tornou-se um dos maiores promotores de shows do país. Trouxe, entre outros, Eric Clapton e Paul McCartney para o Brasil. É sócio da Mills & Niemeyer, empresa responsável pela realização de todas as edições do Hollywood Rock.

Jorge Davison

Idade: 42 anos
Cargo: Diretor artístico da Sony Music. É responsável pela contratação dos artistas, define quando e quem entra em estúdio.
Currículo: Jornalista e ex-radialista, foi diretor da EMI-Odeon por 10 anos. Lá lançou Blitz, Legião Urbana, Paralamas e Marisa Monte. Transferiu-se para a Sony este ano.
Frase: "Estou apostando na nova geração da MPB."

João Augusto

Idade: 37 anos
Cargo: Diretor Artístico da EMI-Odeon
Preferências musicais: "Infelizmente, a música deixou de ser lazer."
Currículo: Jornalista e ex-radialista, foi um dos fundadores da Rádio Nacional FM. Produziu discos de Zizi Possi, Marina, Erasmo Carlos e foi diretor artístico da PolyGram. Antes de assumir na EMI, passou cinco anos produzindo discos de MPB para o Japão e Europa.

Marcos Kilzer

Idade: 43 anos
Cargo: Diretor de Marketing da PolyGram. É responsável por toda estratégia de marketing da gravadora.
Currículo: Trabalhou em editoras musicais até exercer o cargo de vice-presidente de A&R na Sony em 91/92. No início deste ano foi para a PolyGram.

Mayrton Bahia

Idade: 39 anos
Cargo: Sócio no selo Radical Records.
Currículo: Começou como técnico de som na EMI em 78. Em 80 virou produtor executivo e produziu, entre outros, Elis Regina, Djavan, 14 Bis, Ivan Lins e Beto Guedes. Foi Gerente de Produção da EMI de 83 até 87. Além de cuidar do cast, produziu Legião Urbana, Zero e Blitz. Em 89 assumiu a direção artística da PolyGram, onde ficou até 92.
Frases: "As bandas brasileiras são privilegiadas por estarem num país com tantas tendências musicais. Mesmo sem querer, os roqueiros brasileiros acabam incorporando influências étnicas em sua música."

Max Pierre

Idade: 44 anos
Cargo: Diretor Artístico da PolyGram.
Currículo: Ex-baterista, foi diretor artístico da Som Livre. Produziu nomes como Fábio Jr., Rosana e Xuxa, que renderam-lhe a impressionante marca de 22 discos de ouro e 46 de platina.
Frase: "O mercado continuará tomado pela música baiana e com espaço para o rock brasileiro mais amadurecido. Mas sem a overdose de um estilo só."

Beto Boaventura

Idade: 40 anos
Cargo: Presidente da Warner Music
Currículo: Foi diretor de A&R/Marketing na EMI-Odeon para a América Latina de 78 a 84. Em 85, assumiu a presidência da gravadora no Brasil. Há 3 anos, substituiu André Midani na presidência da Warner.
Frase: "Acredito na MPB."

José Carlos Costa Netto

Idade: 38 anos
Cargo: Advogado especializado em Direito Autoral. Entre seus clientes estão os Paralamas, Roberto Carlos, Legião Urbana, Sepultura, Gal Costa, Titãs e Barão Vermelho.
Currículo: Mestre em Direito pela Universidade de São Paulo, fechou contratos milionários para os Titãs, com a Warner, e Edson Cordeiro, com a Sony. Foi presidente do Conselho Nacional de Direito Autoral do Ministério da Cultura entre 79 e 83. Autor do livro *ECAD, Cadê O Meu?*, em parceria com o cartunista Paulo Caruso. É também compositor de MPB.

Colaboraram os repórteres Cláudio Campos e Robert Halfoun

"o importante é lançar bandas boas, mesmo que dê prejuízo"

joão eduardo, cogumelo discos

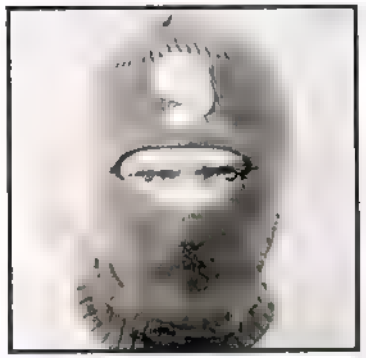
LANÇAMENTOS

Vou falar sobre rap brasileiro. Não, espere, volte aqui! Desta vez é diferente. Dá para entender porque ninguém se interessa por rap brazuca fora do meio: 80% do que sai é mal-feito e mal-imitado e as rimas e letras são muito simplórias (não estou pedindo poesia parnasiana, só esperteza). O preconceito é outro motivo, mas aqui a história vem dos dois lados: de quem está de fora e não conhece e de boa parte das pessoas do meio que, cheios de radicalismo ingênuo, acham que o rap não foi feito para sair do gueto.

Mas estes lançamentos têm qualidade e consciência de que rap brasileiro não tem que ficar limitado às vendas na porta do baile. A última vez que isso aconteceu por aqui foi no primeiro estouro do rap nacional com Thaide, DJ Hum, MC Jack, Código 13 e outros no histórico disco *Hip Hop. Cultura de Rua*. Caros com atitude e sem problemas em se misturar com a moçada do pop/rock tipo Inal e Gueto.

Pavilhão 9 é o topo de tudo. Esses moleques fazem rap com vontade, com senso do perigo. Jurados de morte por justiceiros e policiais, têm que aparecer de máscara sempre, exceto um fulaninho que ainda é menor. "Otários Fardados", um single de 12", com duas outras no lado B, é um manifesto raivoso, mas no fundo desesperado, de quem vive em lugares como o inóspito Grajaú, extremo sul de São Paulo.

Amedrontados pelos ladrões e pentelhados pela polícia, quem sai um pouco da linha corre o risco de abotoar antes do planejado. O instrumental complementa com perfeição o ataque vocal, funky e apressado, com sample até de Pink Floyd.



PAVILHÃO 9

Bullet

"Otários Fardados"

VÁRIOS

GP Records

Rappers & Irmãos

RENE DO RAP & DJ PELÉ

Kaskata's

Made In Brazil

O Pavilhão 9 pode ficar grande, é só você se interessar (aliás, eles estão gravando com Ratos De Porão).

A coletanea *Rappers & Irmãos* tambem é impressionante. Das oito musicas, seis são produzidas pelo DJ Cuca. O cara que já mostrava potencial em projetos como Gabriela Calighari virou um monstro do estúdio. O nível da produção é de primeiro mundo. Ouça "Contaminou", poderoso ragamuffin anti-Aids de Frank Frank, os órgaozinhos de "Movimento Hip Hop" do Visão Urbana e "Pobre no Brasil só leva chute", do RZO.

O problema é que a maioria dos letras ainda não acompanhou esse progresso: sexo, política e "mensagens" são abordados da forma mais jeca possível. E a capa é pavorosa, o velho vacilo do rap/dance brasileiro. Mesmo assim, investigue.

A estréia de Rene do Rap & DJ Pelé tem algumas boas faixas, mas o conjunto decepciona. Menos por culpa de Rene e Pelé (que têm talento, garra, bom humor e cabeça aberta) do que pela produção de Mad Zoo. Me entendam bem: a qualidade da produção é boa, mas ela ainda é muito orientada para "baile". Rene fala de problemas sociais, de baladas, de boys motorizados e até de mosquitos que incomodam a noite. Sua música abarca reggae, house e pop, além do hip hop.

Outras novidades que logo terão material na praça e merecem sua atenção: os cariocas Artigo 288 e Gabriel, O Pensador (que ano passado pediu a cabeça do Fernandinho do Pó num rap proibido), o inquieto Bruno E e os exilados do MDMC. Fique esperto!

CAMILO ROCHA

Ilustração Natalia

DISCOS

AEROSMITH

BMG-Ariola

Get A Grip

O grande charme dessa banda, defendia o Rogério esses dias, e sua absoluta falta de brilhantismo e personalidade. O Aerosmith é uma banda qualquer, mais qualquer que os Stones. Exatamente! O Aero só tomou alguma relevância no encontro com o Run-DMC, que deu no mais importante videoclip da história
Get A Grip é um dos discos mais qualquer destes mestres da mediocridade. Exala aquela rebeldia burra e traz tudo que já se sabe: baladonas, putaria, riffarama de comercial de Budweiser, rockão com vocal do guitarrista Joe Perry, pose de moleque peralta, umas participaçoes especiais (de três escrotaços, Lenny Kravitz, Don Henley dos Eagles e Desmond Child, compositor de encomenda que já emplacou hits para Kiss, Bon Jovi e o próprio Aerosmith, inclusive "Dude Looks Like A Lady")
Tudo muito adequado e absolutamente idêntico ao que eles sempre fizeram. Tem seu valor. Agora, pergunto: se o Aerosmith virou uma banda "importante", que tal redescobrir o Nazareth? Não tem nada em *Get A Grip* que chegue aos bagos de "Hair Of The Dog"

Andre Forastieri

THE CULT

EMI-Odeon

Pure Cult (For Rockers, Ravers, Lovers And Sinners)

A história do Cult é dividida em três fases. A primeira foi quando a banda surgiu com seus adereços e temas indígenas – a época de *Dreamtime* – e era por vezes chamada de positive punk; por outras, de góuca (sem se encaixar bem em nenhum rótulo). A segunda, quando entrou no heavy metal e estourou mundialmente

Era a vez de "Love Removal Machine" e "Fire Woman". A terceira foi a volta ao universo indígena com o lançamento de *Ceremony*. Nesse sentido, *Pure Cult* é uma coletânea completa. Dá até uma idéia do quarto capítulo na vida da banda com a faixa "Wtch" e seus loops de bateria – um passo na direção dos remixes e "dancerização" atual do seu som

Jose Julio do Espirito Santo

RAGE AGAINST THE MACHINE

Sony

Guitarras envenenadas e muita gente brava cuspindo raps de protesto: assim é o RATM. Outra definição boa: um Beastie Boys (fase *Check Your Head*) ou Urban Dance Squad sem as muralhas de samples. Aliás o RATM gosta de propagar que obtém todos seus efeitos sonoros e barulhos esquisitos sem samplers seqüenciadores ou teclados
Apesar da afirmação soar boba e forçada, é um ponto a favor quando você ouve os tais efeitos e ruídos. Difíceis de fazer, aqui são muito bem executados. Mas na maioria a coisa desce para thrash-rap-metal padrão. Algumas faixas tem um pouco mais de molho como "Bullet In The Head", "Know Your Enemy" e "Township Rebellion". Mas nada que justifique o soar de trombetas que setores da mídia andaram promovendo cada vez que se falava na banda.

Camilo Rocha

LENNY KRAVITZ

EMI Odeon

Are You Gonna Go My Way

A crítica de modo geral, e quem pretende ver alguma ordem cronológica na música pop, odeia Lenny Kravitz. "Não passa de um ladrãozinho barato" , "pastiche nostálgico" e o máximo: "prefiro ouvir o original". Uau! Mostre-me alguém que se diga original em pop e eu te mostro um mentiroso. Nem Robert Johnson.
Pode-se talvez, falar em "mistura original". Um sujeito pega um monte de influências e monta outra coisa "original" . E neste quesito, Kravitz passaria; ninguém pode falar que ele copia exatamente tal sujeito (ao contrário do Chris Isaak, por exemplo, que copia o Roy Orbison). Kravitz copia quase tudo o que era legal entre 69 e 72 de Hendrix, Sly Stone, Jackson 5, Lennon a outros já esquecidos. E com um talento especial para, desta mistura toda, tirar refrões ganchudos, canções pop daquelas que grudam logo de primeira.
Neste disco essa diversidade é ate radicalizada. O disco abre com um rock hendrixiano, "Are You Gonna Go My Way", tem uma faixa, "Black Girl", decalcada do repertorio dos Temptations, "My Love" na onda Beatles fase *Revolver* ,"Just Be A Woman", típica de John Lennon, e vai nessa.

Rogerio de Campos

ATAHUALPA Y US PANQUIS

Baratos Afins

Agradeça Ao Senhor

Na finada série *Batman*, havia um vilão, o Traça, que virou bandido porque leu todos os livros existentes e, incapaz de criar algo por si proprio, entregou-se a loucura. Uma parcela do rock/pop brasileiro sofre de praga semelhante – apesar de uma razoável dose de informação, não consegue produzir nada de original, nada de relevante, nada que faça diferença. Apela então, à paródia, ao engraçadinho, tentando evitar o confronto fulminante com sua própria estreiteza mental.
Agradeça Ao Senhor, LP do grupo gaúcho Atahualpa Y Us Panquis, é exemplar acabado desse deprimente escapismo cômico-cabeça. Não se deixe enganar pelos títulos "ousados" das faixas ("As Putas", "Escola Na Maldade") nem pela barulheira de alguns trechos que pode até remeter a bandas de verdade como Pussy Galore e Sonic Youth. Atahualpa etc. é

o que Marisa Monte estaria fazendo se gostasse de rock. É provincianismo burro, é mediocridade em estado bruto. É ruim demais
A capa informa que esse excremento sonoro foi gravado em Porto Alegre. Só podia ser. Os gaúchos são os baianos dos anos 90. Até hoje estamos colhendo os frutos podres da "valorosa" contribuição de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé e assemelhados à arte nacional. A herança suíssa promete ser ainda mais deletéria.

A. P. J.

HELMET

Warner

Meantime

A agressividade e o senso de perigo estão sendo devolvidos ao rock pelo Helmet. Para tanto, o grupo armou um arsenal sonoro em que dissonâncias, intervalos de tensão e fraseados que vão do slowcore ao bebop explodem ao simples estalar dos dedos. Se as táticas de luta das principais organizações terroristas do planeta pudessem ser transformadas em música, certamente haveriam de soar como o Helmet.
Meantime, o segundo disco do grupo (o anterior, *Strap It On*, saiu lá fora pela indie Amphetamine Reptile), é

econômico no que diz respeito a firulas e outras demonstrações de virtuosismo. Ainda assim, seu líder, Page Hamilton, é um verdadeiro PhD em teoria musical, depois de tocar jazz e de anos de estudo com o compositor de vanguarda Glenn Branca, ele foi peça importante no aprimoramento conceitual do quinteto *heady-metal* Band Of Susans.
Quando ele dispara a guitarra em faixas como "Ironhead" e "FBLA II", o que se ouve não são aqueles clichés que deram má fama ao rock pesado mas – acredite! – saraivadas curtas e alucinadas de riffs inspirados pelos saxofones de John Coltrane e Charlie "Bird" Parker. Segurando a onda, Peter Mengede acode com bases impactantes, enquanto baixo e bateria batem pilão. Definitivamente, esta é uma banda do "caipa)cete"!

Arthur G. C. Duarte

BUDDY GUY

BMG-Ariola

Feels Like Rain

Dois anos depois de dar a volta por cima com o ótimo *Damn Right, I've Got The Blues*, Buddy ndes again.. Gravando pela mesma Silvertone ele desponta num esquema similar e um time menos ostensivo de convidados (Bonnie Raitt, Paul Rodgers e Travis Tritt, além de uma mãozinha de John Mayall)
As onze faixas trazem uma eclética sucessão de covers balizadas por

duas boas canções de sua autoria – "She s A Superstar" e "Country Man". Entre as versões, destaque para as da santíssima trindade do soul. James Brown ("I Go Crazy"), Ray Charles ("Mary Ann") e – principalmente – Marvin Gaye, ("Trouble Man"). O blues puro comparece em canções do mestre Muddy Waters ("She's Nineteen Years Old") e dos chapas Junior Wells ("I Could Cry") e Guitar Slim ("Sufferin' Mind"). E ainda há espaço para o country blues em "Change In The Weather" (John Fogerty) e na faixa-título, de John Hiatt – de quem Buddy já havia gravado "Where Is The Next One Coming From", em *Damn Right...* Apesar de ser um tiquinho menos brilhante que o álbum de 91, a magia da guitarra deste good guy preserva-se intacta.

Celso Pucci

NINE INCH NAILS

Warner

Broken

Cielo Drive é uma viela arborizada e sem saída em Beverly Hills. A casa número 10050 dessa rua é hoje ocupada por Trent Reznor, líder/mentor/componente único da banda Nine Inch Nails. Reznor adora viver e trabalhar lá. A vista é linda, a atmosfera é *cool*. Nessa mesma casa, foi cometido um dos mais brutais assassinatos em massa da história.
Foi lá que a gangue sanguinária de Charles Manson torturou, esfaqueou e fuzilou sete pessoas, entre elas a atriz Sharon Tate, na madrugada de 9 para 10 de agosto de 69. Sharon estava grávida de oito meses. Rogou pela vida de seu feto e escutou o seguinte: "Olha, sua piranha, não tenho nenhuma pena de você".
Mesmo que você nunca tenha ouvido falar em Nine Inch Nails, já deve ter percebido, a esta altura, qual é a da banda – soturna, violenta, torturada, obsessiva. Fórmula Reznor: a autodestruição como afirmação terminal (e única possível) da existência.
Nine Inch Nails habita a chamada praia "industrial". Seus ritmos são computadorizados e as guitarras – toneladas, toneladas delas – vêm quase todas via sampler. Reznor, um americano de 27 anos, se diz fã do hard rock convencional – Led, Queen –, mas não resvala em nada que lembre o gênero. "Isso já foi feito, não faz mais sentido", disse à *Spin* em 92.
As letras tratam de um mundo degradado e desesperançoso. "Este é o primeiro dia de meus últimos dias", grita Reznor no primeiro verso de "Wish", a música que abre este seu segundo álbum (o primeiro, *Pretty Hate Machine*, saiu na virada de 88/89). Daí até o final só resta ao ouvinte respirar fundo e preparar-se para uma dolorosa viagem, sempre para baixo.
"Wish" soa como se todas as guitarras do mundo tivessem sido jogadas, ainda apitando, dentro de um vulcão. A faixa seguinte, "Last", parece Ministry com assessoria química de Hunter Thompson. "Help Me, I Am In Hell"... Bem, o nome diz tudo.
Todo o resto de *Broken* é de fazer Metallica soar como Renato e Seus Blue Caps.

Alvaro Pereira Jr.

DISCOS

SUEDE

EMI-Odeon

Vamos aos fatos:
1- O Suede é a banda inglesa que causou mais furor na imprensa desde o aparecimento dos Smiths.
2- São comparados com Smiths e David Bowie.
3- O primeiro disco, *Suede*, entrou direto no primeiro lugar, vendendo mais de cem mil cópias em dois dias, sendo a mais bem-sucedida estréia de uma banda desde Frankie Goes to Hollywood.
4- Antes de lançar qualquer compacto, já estava na capa da *Melody Maker* e a essa altura já saiu na capa de tudo quanto é revista inglesa.
5- Garotas choram e perdem o controle à simples visão do cantor Brett Anderson.
Agora, vamos aos FATOS:
1- Não existe uma única idéia nova no disco.
2- Isso não faz diferença quando se trata de sucesso.
3- Pelo menos não é grunge.
Só dá para entender esse êxito quando levamos em conta fatores externos à música do Suede. A Inglaterra anda numa fase musical pessima e ate eles já perceberam. Isso originou muito boa vontade com a primeira banda com um pouco de qualidade para encarar a invasão das bandas americanas.
E tem a questão da atitude: o Suede é algo em que a nova geração inglesa consegue se enxergar. As letras falam de homossexualismo, trepadas, incertezas. Basicamente, como o proprio cantor resume, escapismo.
Existem algumas canções ótimas, como "So Young" e "Animal Nitrate", mas musicalmente há pouco para se destacar. Há pedaços de Smiths, David Bowie e até Pink Floyd bem do começo.
No geral, é mais uma banda que se localiza entre a virada dos anos 60 e 70, com um som sem muita personalidade.
Qual e a moral da história? Por enquanto a melhor aposta é que eles estão mais para Sigue Sigue Sputnik do que para "a banda dos anos 90".
Vitor Paolozzi

PIN UPS

Devil Discos

Scrabby?

Podem até dizer que em alguns momentos esse disco soa como o álbum perdido dos Stooges, ou que as influências de Jesus And Mary Chain, Velvet Underground e Sonic Youth sejam descaradas demais no som dos caras. Mas a verdade é que este é um disco bem legal. Coisa para moleque irado nenhum botar defeito.
As guitarras estão animais, zoadas à exaustão. Principalmente nas três últimas faixas onde o rockão casca-grossa come solto e em uns wah-wahs suingados em "You Hurt". Até as baterias que antigamente pareciam burras e repetitivas evoluíram bastante, crescendo quando misturadas com levadas de pandeiro, como em "Pure".
Os vocais também não são mais aquela choradeira lazarenta que o Luiz Gustavo fazia no primeiro disco. Não vou nem discutir se ele só faz pose ou não. O que interessa é que os vocais do cara estão legais. Ainda mais quando a baixista Alê – que devia cantar mais na banda – aplica uns *backings*.
E também não vou encher esse espaço de teoria, pois até os Pin Ups deixaram de ser teóricos e partiram para a porradaria, chamando o João Gordo para produzir esse disco junto com o R.H. Jackson.
Se você adorou aquela meleca para boi dormir que era o Gash, o tal projeto paralelo acústico do Pin Ups, vai gostar desse disco porque as viagens alucinadas também marcam presença, só que mais barulhentas. Se você odiou, tente esse.
Carlos E. Miranda

IRON MAIDEN

EMI-Odeon

A Real Live One

A voz de Bruce Dickinson, que nunca foi uma unanimidade, está longe dos 100%. A performance da banda não é perfeita. Em alguns momentos, as guitarras gêmeas fazem uma firifinfada daquelas. "A Real Live One" é um dos "ao vivo" mais honestos de todos os tempos Não esconde os erros com "overdubs". O problema é o repertório. Você consegue imaginar um show da donzela de ferro sem classicos metálicos como "Run To The Hills", "The Number Of The Beast", "Running Free" e "Iron Maiden"? Zoeira com muitos solos de guitarra, mas ainda sim zoeira da boa. Repito o que escrevi aqui sobre a turnê do grupo no Brasil Músicas como "Bring Your Daughter...To The Slaughter",

"Heaven Can Wait" e "Fear Of The Dark" (em ótimas versões), isoladas, são legais. Mas uma hora só com elas soa muito rock de arena para uma das bandas mais importantes da história do metal. O jeito é agüentar a mão até *A Real Dead One* (outro ao vivo, que vai cobrir a melhor fase da donzela, até "Powerslave"). Antes que você, *banger-teen* que pegou o bonde andando, escreva dizendo que eu odeio sua banda preferida, é bom saber: tenho 26 anos e nenhuma vergonha de dizer que gosto de Iron Maiden, principalmente dos quatro primeiros discos – não por acaso, os mais ferrados. *João R. Lima*

NED'S ATOMIC DUSTBIN

Sony

Are You Normal?

O Ned's Atomic Dustbin são cinco ingleses gente fina que conseguiram o que 95% das bandas passam toda a carreira tentando: encontrar uma fórmula musical que funcione. No caso do Ned's, a receita é um pop pesado, com bateria techno (mas tocada por um humano) e um baixo trabalhado (alias, dois: a banda tem dois baixistas). Toda a música dos caras é construída em cima de linhas de baixo dançantes. Repare bem: quando você assovia uma música do Ned's, você está assoviando a linha do baixo, não da guitarra.
Eles usaram essa fórmula com sucesso no seu primeiro disco, *God Fodder* (91, e a ned'smania explodiu, principalmente nos Estados Unidos, onde a banda lota todos os seus shows. Agora seja sensato: se você vendeu 300 mil cópias do seu disco de estréia, para que arriscar uma mudança?
Are You Normal?, o novo LP, não arrisca nada. O disco é igual a *God Fodder*: um monte de canções legais e parecidas que funcionam tanto na pista de dança quanto no mosh.
No mosh? Pode crer. Se no disco as músicas do Ned's parecem pouco pesadas, ao vivo a coisa toma proporções assustadoras. No palco os caras botam tudo no volume dez, marretam a bateria e pulam como uns alucinados. O resultado é sempre um show excitante, suarento, aeróbico, barulhento e divertido. Se você não pode ir ao show, compre *Are You Normal?* e teste na sua festa. É satisfação garantida.
André Barcinski

LEMONHEADS

Warner

It's A Shame About Ray

Se você é um teen-cabeça, assiste ao *Programa Livre* e admira o Lindbergh Farias, chegou a trilha sonora para seu mundinho: "It's A Shame About Ray", do Lemonheads. A banda é liderada pelo poeta Evan Dando, novo gostosinho do mundo metido a fazer letras que levam você a "refletir".
No contexto do rock, o Lemonheads é eclético. O disco tem um pouco de tecno, roquinhos suaves, mais pesados, baladas e, é lógico, cover. E pior. Com toda a pompa de gênio do Dando, o grupo ficou famoso por suas covers! Primeiro foi "Luka", da Suzane

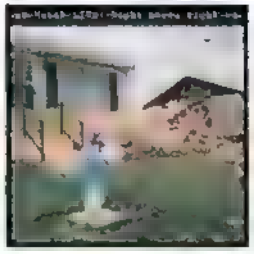
Vega. Desta vez é "Mrs. Robinson", de Simon and Garfunkel. Lindo, né, Mr. Dando? Vale uma historinha rápida para se ter a idéia de quanto é "alternativa" mais essa tentativa de se transformar baba em alternativa: voltando de Los Angeles para São Paulo, coloquei o headphone para matar o tempo. Adivinhem o que tocou no som ambiente do avião? "Confetti", do Lemonheads. Parabéns.
Paulo Cezar Martin

VAN HALEN

Warner

LIVE, RIGHT HERE, RIGHT NOW

Quem viu o show do Van Halen no Brasil em 82 sabe o que é estar com os caras frente a frente. Quem não viu, esta é a chance de sentir a banda mais potente do mundo ao vivo. São 142 minutos que elevam o nome do bom rock ao máximo. 80% deles dão destaque à fase Sammy Haggar e o resultado é energia em altíssimo grau. O resto, clássicos como "You Really Got Me" e "Ain't Talkin About Love", não permite que se sinta falta de Dave Lee Roth. E não é só: os



solos de Eddie fazem Joe Satriani e cia. parecer crianças tocando.
Robert Halfoun

KID ABELHA

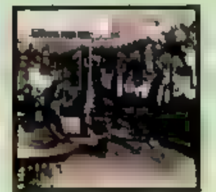
Warner

IÊ IÊ IÊ

Grande! Parabéns ao visionário, ao gênio que, em meio ao estouro do rock independente no Brasil, achou que investimento esperto era lançar um novo do Kid Abelha. Qualquer moleque de 16 anos tem mais senso de mercado e cenário musical. As coisas no front KA continuam as mesmas, o sax cliché, a voz ruim (Paula poderia tentar sertanejo, mas já aviso que a concorrência é feroz) e sub-sub-sub soul-funk-pop aguado. Parece que ainda estão na busca do pop brasileiro. Meu Deus, se até o pop inglês/

americano não existe mais como gênero viável, imagine aqui. Contém a piada do ano: uma versão de "Smoke On The Water" que vai irritar até quem odeia Deep Purple. Bom, o que esperar de um disco com um nome babaca desse. Inacreditável
Camilo Rocha

RÁPIDO & RASTEIRO



Começamos com uma reedição importante: *Cowboys From Hell*, LP de 90 do PANTERA. Era BMG-Ariola e agora é Warner – SKANK, LP de estréia dos mineiros raggeiros, sai agora por gravadora grande, a Sony, em nova mixagem. Piorou, a versão independente tinha mais peso – Tudo que você precisa saber sobre o grandioso *Energique* (Sony), do BIZARRE INC, está na Zona Franca da edição 93. O que você precisa saber agora é que ele está saindo no Brasil – MIDI, MAXI & EFTI (Sony) é ragga-pop, light e divertido como no hit "Ragga Steady". Na produção, o bigodudo do Army Of Lovers – *Cooleyhighharmony* (PolyGram), o excelente disco do BOYZ II MEN de 92, reaparece modificado. Entre outras novas inclusões um ótimo remix house de "Motownphilly" e a mega-balada recordista "End Of The Road". Para quem ainda não tem, este é mais jogo – *Flashback Party* (BMG-Ariola) é um presentão para sua mãe, hits de todo tipo entre 68 e 75. Mas se você for esperto vai descobrir algumas preciosidades como "Dizzy", do TOMMY ROE – O novo do DEACON BLUE, te pega tanto quanto um manual de instruções de ventilador (aliás vamos jogar Deacon Blue nele) – Relançamento: os dois primeiros do INFORMATION SOCIETY, *Information Society* e *Hack* (Warner). Aos fãs retardatarios, talvez fosse melhor a coletânea *Best Of Information Society* (Back To Basics), lançada no início do ano – MISTER SAM E AS FELINAS (BMG-Ariola) só pode ser uma alucinação, eu tenho certeza que esse disco não saiu, ninguém teria coragem, não, não... Cadê o ventilador? – Tão escroto quanto (ou pior) é ver STING, SUZANNE VEGA, BOB GELDOF, BRIAN MAY e outras bagagens participando no imoral *Pavarotti & Friends* (PolyGram). O troço fede...
Camilo Rocha

ANGRA · GAROPABA · PORTO SEGURO · GUARUJÁ · PRAIA DE RAMOS
VINIL · CD · CASSETE

BOLSA DE DISCOS

7,57	TOM ZÉ • *The Hips Of Tradition* • Warner	•	6	•	7	7	9	10	7	•	7
5,60	DAVID BOWIE • *Black Tie, White Noise* • BMG-Ariola	3	0	6	7	7	8	6	6	7	6
5,50	DEPECHE MODE • *Songs of Faith And Devotion* • Warner	3	0	5	9	6	6	5	7	5	9
5,40	COVERDALE • PAGE • BMG-Ariola	2	6	4	5	6	7	6	7	8	3
5,37	SUNSCREEN • O3 • Sony	6	5	6	6	6	2	•	•	4	8
5,30	MIDNIGHT OIL • *Eath And Sun And Moon* • Sony	3	2	5	3	6	7	7	9	5	6
5,22	BETTY BOO • *Grrr!* • Warner	5	8	5	6	•	8	3	4	4	4
4,78	THE THE • *Dusk* • Sony	2	3	•	7	7	6	3	6	5	4
4,20	DURAN DURAN • EMI-Odeon	4	2	4	5	5	4	3	7	3	5
3,90	STING • *Ten Summoner's Tales* • PolyGram	0	0	5	5	5	5	6	6	3	4

PARADA

EUA

1. VARIOS • *The Bodyguard* • Arista
2. AEROSMITH • *Get A Grip* • Geffen
3. PORNO FOR PYROS • Warner
4. KENNY G • *Breathless* • Arista
5. SPIN DOCTORS • *Pocket Full Of Kryptonite* • Epic
6. ERIC CLAPTON • *Unplugged* • Duck/Reprise
7. DR. DRE • *The Chronic* • Death Row/Interscope
8. SNOW • *12 Inches Of Snow* • Exxonesis
9. SWY • *It's About Time* • RCA
10. SILK • *Lose Control* • Reis

GB Indie

1. SUGAR • *Beaster* • Creation
2. SUEDE • Node
3. OZRIC TENTACLES • *Jurassic Shift* • Dovetail
4. TRUMAN'S WATER • *Spasm Smash...* • Elemental
5. B12 • *Electra Soma* • Warp
6. FRANK BLACK • 4AD
7. PAVEMENT • *Westing (By Musket And Sextant)* • Big Cat
8. BELLY • *Star* • 4AD
9. THAT PETROL EMOTION • *Fireproof* • Koogie
10. DEPECHE MODE • *Songs Of Faith And Devotion* • Mute

GB

1. R.E.M. • *Automatic For The People* • Warner
2. WORLD PARTY • *Bang!* • Ensign
3. PJ HARVEY • *Rid Of Me* • Island
4. CLIFF RICHARD • *The Album* • EMI
5. STING • *Ten Summoner's Tales* • A&M
6. DURAN DURAN • Parlophone
7. AEROSMITH • *Get A Grip* • Geffen
8. DINA CARROLL • *So Close* • A&M
9. THE FALL • *Infotainment Scan* • Permanent
10. DAVID ESSEX • *Cover Shot* • PolyGram

EUA World Music

1. VARIOS • *Global Meditation* • Elipsis
2. ZAP MAMA • *Adventures In Afroped 1* • Luaka Bop
3. MOUTH MUSIC • *Mo-Di* • Rykodisc
4. CLANNAD • *Anam* • Atlantic
5. RY COODER/V.M. BHATT • *A Meeting By The River* • Waterfly
6. BLACK UHURU • *Mystical Truth* • Mesa
7. BOUKMAN EKSPERYANS • *Kalfou Danjere* • Mango
8. THE TAHITIAN CHOIR • *Ropo Io* • Triloka
9. BOB MARLEY • *Songs Of Freedom* • Tuff Gong/Island
10. BUCKWHEAT ZYDECO • *Menagerie ...* • Mango

LANÇAMENTO!
CAMISETÃO (T)
FRENTE E COSTAS

T
CAMISETÃO F/C
Cr$ 850.000,00
Tamanhos M e G

Tamanho G

CAMISETA INGLATERRA
Cr$ 665.000,00

LANÇAMENTOS!
BERMUDAO DE FLANELA (BF)
CAMISETÃO INGLATERRA (I)

Cr$ 784.000,00

BF
BERMUDÃO DE FLANELA
Tamanhos M e G

FAX. (011) 881 9789

ML
MANGA LONGA
Cr$ 793.000,00

NEW ROCK

MC
MANGA CURTA
Cr$ 673.000,00

FONE (011) 280 2952

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

BONÉ
Cr$ 341.000,00

L
CALÇA DE MOLETON
Cr$ 1.088.000,00

$ 260.000,00
Cr$ 143.000,00

*REVENDEDOR EXCLUSIVO NO CENTRO DE SÃO PAULO DEVIL DISCOS TEL. (011) 221-3142

TOTAL DA COMPRA Cr$
NOME
END: Nº
CEP FONE: ESTADO:
CIDADE:
RG: ASSINATURA

MOD.	REF.	COR	TAM.

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA EDIÇÃO DA REVISTA

FFDD VIDEO REW

THE SMITHS
The Complete Picture
Warner. *Direção: Vários. 50 min.*

Muito antes da imprensa britânica definir o grupo Suede como a última grande herança do pop, no tempo em que a Factory ainda determinava o que as pessoas "deveriam" ouvir, não existia nada mais precioso que o som de Morrissey, Johnny Marr & Cia. O que para muita gente foi a trilha sonora dos anos 80. Mas não apenas isso: além de música, havia o estilo, como prova *The Complete Picture*, coletânea de clips do grupo. É a chance de conferir o que eles entendiam como uma ilustração para suas canções: uma garota entediada em "How Soon Is Now", ingênuas imagens da década de 60 para "Girlfriend In A Coma", ou ainda "belos" garotos em "Panic", dirigido por Derek Jarman, o papa do cinema gay inglês. *MARCELO REZENDE*

RED HOT CHILI PEPPERS
Funky Monks
Warner. *Direção: Gavin Bowden. 60 min.*

O *making of* de *Bloodsugarsexmagik* não podia ser diferente disso: um vídeo cabeção, desconjuntado, maluco – como o disco e o próprio grupo. Não tem legendas, portanto o inglês é obrigatório e o ritmo é bem chato. Mas o super-fã vai se divertir ao acompanhar os dois meses em que a banda morou junta numa mansão de Hollywood, para gravar o álbum. E quem for do meio musical vai conseguir sacar como riffs e idéias toscas acabaram virando canções completas, com arranjos sofisticados/instrumentos exóticos e tal. Participação especialíssima, o produtor fora-da-lei e capitalista do terceiro milênio Rick Rubin. *ANDRÉ FORASTIERI*

SINGLES

AS GRANDES ABREM O OLHO

Enquanto a galera independente agita seus compactos em vinil, a PolyGram coloca no mercado os CD Maxi-singles. São três ou quatro musicas 45% mais barato do que os álbuns em CD.

A idéia é trabalhar primeiro medalhões internacionais – o formato estréia no Brasil com *Live At Wembley Stadium*, do Metallica, que reune os mega-sucessos "Enter Sandman", "Sad But True" e "Nothing Else Matters", e *Who's Gonna Ride Your Wild Horses*, do U2, incluindo versões de "Paint It Black", dos Stones e "Fortunate Son", do Creedence Clearwater Revival. Segundo a PolyGram, depois vem veteranos brasileiros e, na sequência, o CD Maxi-single servirá para lançar novos grupos brasileiros. Isso mais para o final do ano.

Entre os lançamentos previstos para os próximos meses estão *Iron Lion Zyon*, de Bob Marley & The Wailers; *Easy/Be Agressive*, do Faith No More; *High*, do The Cure; *Fire*, do U2; *Wherever I May Roam* e mais quatro (!) outros do Metallica. De brasileiros, saem um de Lulu Santos, com remixagens de três musicas do LP *Mondo Cane* e mais uma inédita – "Auto-estima" – ; Tim Maia com uma compilação de sucessos e Caetano Veloso cantando covers como "Ouro De Tolo", "Sonhos", "Fera Ferida" e "Marcianita", todas já incluidas em discos. *CARLOS EDUARDO MIRANDA*

COMPACTOS SAFRA 93

A explosão de novas bandas de rock no Brasil acabou forçando a moçada a achar meios alternativos para mostrar sua música ao publico, fora do palco. A jogada: compacto. Idéia velha, boa e barata.

O primeiro a sacar o lance em grande escala foi Doni Bava, vocalista do extinto Mente-captos Eróticos, de Santo André. Sua gravadora, a We Love Money Corporation, funciona em sistema de cooperativa com as bandas e conseguiu a façanha de lançar quase vinte compactos em apenas meio ano de existência.

Os três primeiros pacotes da WLM – seis discos em dezembro , sete em março e cinco em maio – já estão praticamente esgotados, vendidos pelas próprias bandas. "O DZK (*banda punk de Santo André*) vendeu seus compactos em uma semana. Com o dinheiro desses dois e de mais um que está com lançamento planejado até o meio do ano faremos um LP compilando todos os singles e ainda gravaremos umas seis músicas inéditas. Será o primeiro LP da gravadora", diz Doni.

Em Curitiba, inspirado no exemplo paulista, Jr. Ferreira (Jully Et Joe) armou com o estudio Solo o selo Bloody, que está lançando treze compactos de bandas locais. "Com 500 dólares a banda consegue fazer um compacto, incluido aí o estudio", diz Ferreira. Outras gravadoras independentes como Hellion, Rotthness, Whiplash e Antidoto apostaram no lance no ano passado, mas ainda não deram sinal de vida em 93, a não ser a Elephant Records que lançou o IHZ, de Santos, com o compacto *Alternative Attitude*. *C.E.M.*

WE LOVE MONEY CORPORATION
Smoking Guns – *Debut Bullet*
Hirkânia – *Mau Elemento*
Gárgulas – *The Secret Of Eternity*
Abismo Negro – *Come To Me*
DZK – *Cerveja, Sexo, Punk Rock*
Fates Prophecy – *Time To Live*
Tudo Pelos Ares – *Cornda Suja*
Blasphemer – *World Disorder*
Wild Fire – *Violence Reings Here*
Necromancia – *Cold Wish*
Promise – *I Am Your Agony*
Borboleta Negra – *Unica Verdade*

BLOODY
Pinheads – *For Fun*
Missionários – *The Invasion Of The Blind Body Snatchers*
Tempest Waltz – *Shadows Falling In The Garden*
Os Krápulas – *Dance After Dead*
Acidose – *She Has A Screw Loose*
Jully Et Joe – *The Hole Is Gone To Hole*
Cuttin' Flower – *Mont Pipper*
S.M.D. – *L.I.N.O.*
Boi Mamão – *Pesciotermic Gummy*
C.M.U. Down – *Loophole*
Relespublica – *Mod*
Acrilirico – *Olhares*
Vox Humana – *The Space Traveller*

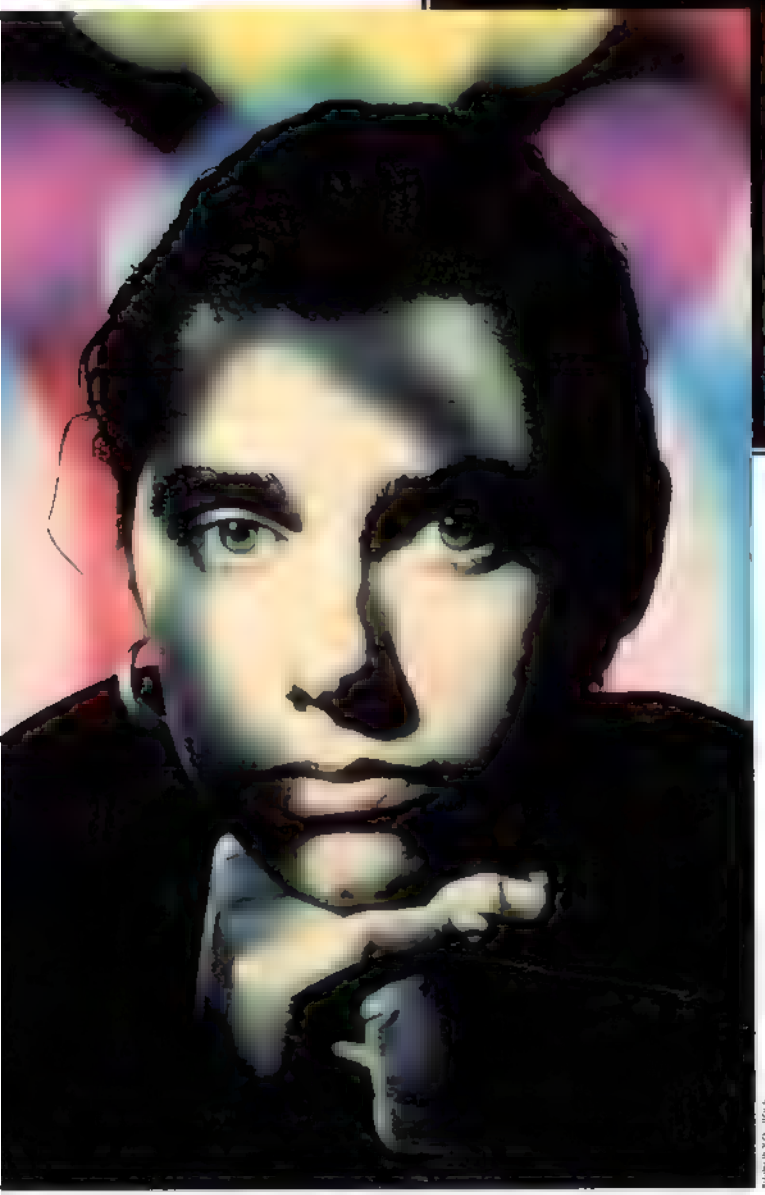
ELEKTRA
WELCOME TO YOUR INFERNAL MEETIN'
(Antidoto)

A banda paralela de Edu K, do De Falla, e Egisto Ophodge, do Colarinhos Caóticos, estréia com um single 12 polegadas gravado em 91 mas só lançado agora. O som é thrash-mistureba de alta octanagem. São três faixas, duas deles próprios e uma versão de "War Inside My Head", do Suicidal Tendencies dos bons tempos. *C.E.M.*

GRAVADORAS Antidoto – R. Otávio Rocha, 115, 10° and., cj. 1006, Porto Alegre (RS) • We Love Money Corporation – R. Siqueira Campos, 644, Santo André (SP) (011) 440-6632 • Bloody – Rua Visconde do Rio Branco, 794, Mercês, Curitiba (PR) (041) 223-778

ZONA FRANCA

HORMÔNIO PURO



"Você me deixa seca", acusava aos berros Polly Harvey em seu primeiro disco, o louvado *Dry*. Em **Rid Of Me** (Island), novo trabalho de sua banda **PJ HARVEY**, ela secou mais ainda. Não esteticamente, e sim no sentido original da canção mesmo. A reclamação de Polly era contra o amante, incapaz de ativar sua produção de fluidos vaginais.

Falar desse tipo de coisa é a cara de Polly. Seu trabalho é progesterona pura. E ela escreve bem sobre as agruras e delícias de ser mulher (mais sobre as agruras), apesar de afetar ares de feminista lésbica acadêmica assexuada sofisticada de vilarejo bocejante inglês que não transa faz tempo.

O que não dá para entender foi por que uma moça fina & austera dessas convoca Steve Albini para produzir um disco seu. Albini detesta mulher. Mais: como músico (no Big Black e Rapeman), produtor (de Pixies e outros) e jornalista (do zine *Forced Exposure*), seu negócio sempre foi soterrar qualquer fio de cabecismo sob toneladas de ruído. É o tipo de cara que malhava o R.E.M. em 87 dizendo que a banda era muito bicha.

Claro que a penetração da asceta chique pelo misógino encrenqueiro tinha de ser áspera, e assim é *Rid Of Me*. Mas não deixa de ser interessantíssimo para fãs de Patti Smith e rock inteligente. *ANDRÉ FORASTIERI*

SANTIDADE POP

So Tough (Heavenly) é um disco cunel do tempo. Seu autor, o trio inglês **SAINT ETIENNE**, é um brilhante revisionista da história da música pop.

Sendo o pop (o gênero em si, não o universo) algo virtualmente extinto, o Saint Etienne prova que a única maneira de fazê-lo de maneira decente é destrinchar o passado. Este segundo disco traz de baladas 70 tipo Bread/Hollies ("Hobart Paving") até house de Chicago safra 87 ("Junk The Morgue"). Mas o que predomina é o pop simples e balançado de "Avenue", "Mario's Cafe" e "You're In A Bad Way" (que poderia ser das Shangri-Las), embalado pela voz de fada de Sarah Cracknell. Saint Etienne é um tesouro precioso. Ouça já!

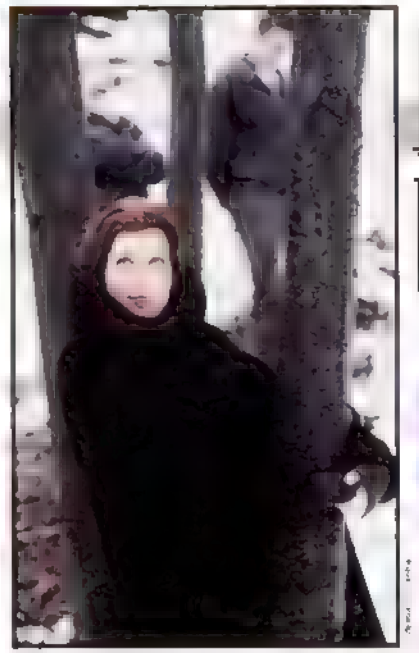
CAMILO ROCHA

GOZO VIOLENTO

O barulho e o blues nunca estiveram tão intimamente interligados quanto nas entranhas do **COME**. Liderado pela cantora e guitarrista Thalia Zedek (ex-Live Skull), o grupo nova-iorquino dá a impressão de viver em um mundo onde não há lugar para a [illegible] palavras como alegria e tranquilidade carecem de sentido — é da dor mais intensa que se nutrem as onze faixas de **Eleven: Eleven** (Matador). Os títulos já dizem tudo: "Uma Veia Nova Em Folha", "Molly, A Morta", "Submeria". Mas é ouvindo o tratamento *cold turkey* dado a "I've Got The Blues" (de Jagger & Richards) que se dissipam quaisquer dúvidas quanto à natureza desse atormentado "gozo".

ARTHUR G. COUTO DUARTE

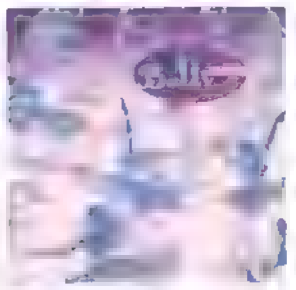
CANÇÕES DE NINAR



Cansada de ser a mascote das Throwing Muses – banda de sua meia-irmã Kristin Hersh –, a guitarrista Tanya Donnely resolveu formar seu próprio time: o **BELLY**, junto com os irmãos Thomas (na guitarra) e Chris Gorman (na bateria), além de Fred Abong (outro ex-Throwing Muses, no baixo).

Antes, Tanya já tinha encarado as ótimas Breeders, mas nunca o sucesso inesperado deste seu novo grupo. Neste **Star** (Sire) – que chegou ao topo da parada college nos EUA – a ansiedade das letras e no vocal seria a mesma das TM, não fosse pelo disfarce mais pop.

Muitas faixas são baladas onde as guitarras acompanham histórias estranhas: "Slow Dog" descreve as andanças de uma mulher levando nas costas um cachorro em estado de decomposição e "Gepetto" é uma adaptação que Walt Disney nunca teria imaginado. Boas canções para ninar maníacos. *J.J. E.S.*



CADERNO DE RASCUNHOS

Para quem conheceu o **PAVEMENT** pelo álbum de estréia – *Slanted And Enchanted* (92) – e curtiu a zoeira, a audição de **Westing (By Musket And Sextant)** (Big Cat) pode se tornar uma experiência radical.

Trata-se de uma compilação de todos os registros anteriores que o grupo liderado por Stephen Malkmus fez desde seu primeiro EP, *Slay Tracks: 1939-1966* (89). O disco é um *do-it-yourself* ainda mais cuspido e escarrado, onde a banda escancara até às ultimas consequências o seu mix de The Fall (nas letras e em algumas linhas vocais) com Sonic Youth (noutros vocais e nas guitarras)

Talvez para seguir a estética dos trabalhos iniciais destas fontes inspiradoras, a qualidade sonora é sofrível – a bateria se parece com alguém surrando uma caixa de sapatos. Mas isso acaba proporcionando uma moldura adequada para a música crua e desleixada do grupo em algumas das 23 faixas como "Box Elder", "Recorder Grot", "Heckler Spray" e "Debris Slide". *C. P*

Viu o clip dos Butthole Surfers? É homenagem ao pintor Robert Williams. Aqui, outra alucinação do homem

FESTANÇA DOS VERMES

Neste décimo álbum, os **BUTTHOLE SURFERS** chegaram junto do Led Zeppelin novamente, mas desta vez sem tração de sarro (seu sexto disco, *Hairway To Steven*, é um trocadilho com "Stairway To Heaven"). John Paul Jones, o baixista quietão da banda que mais causou barulho nos anos 70, produziu **Independent Worm Saloon** (Capitol). Com um tremendo detalhismo estereofônico, ele conseguiu dar uma sofisticada nas barbaridades da banda. E deu certo.

O título foi tirado de Nine Foot Worm Makes Own Food, um dos vários nomes que esses desequilibrados usavam antes de virarem os surfistas do olho do cu. E embora não extrapole como *Locust Abortion Technician* (87), este álbum segue a tradição dos vocais distorcidos, samples doidos e pornografia.

A mistureba se faz presente. Tem desde hardcore ("Goofy's Concern") até cantiga country ("The Ballad Of Naked Man"), passando por subversões do tipo "Dust Devil" Nela, os Surfers conseguem pornografar a propaganda de aspiradores de pó Dust Devil usando o slogan da marca: "O poder de um ereto na palma da sua mão"

Cada faixa tem sua historinha, como "Annoying Song", que, com seu vocal de Pato Donald em vocoder, só ganhou este nome por levar o baixista Jeff Pinkus ao extremo da irritação. A mais absurda é "Clean It Up". Ela abre com canto de passarinho logo interrompido por um riff de vômito. Na sequência entram intermináveis distorções de guitarra. É a trilha sonora perfeita para a ressaca de domingo. *JOSÉ JULIO DO ESPIRITO SANTO*

Novato Melódico

Nos EUA, bandas que misturam industrial com metal estão proliferando como peste. Especialmente nas gravadoras Touch & Go, de Chicago, casa de Tar e Jawbox, e a Amphetamine Reptile, de Minneapolis, onde gravam Cows, Surgery e Hammerhead.

Agora surgiu o **TOOL**, gravando o álbum **Undertow** (Zoo). As indicações até que eram boas: já emplacaram o próximo Lollapalooza e Henry Rollins os elegeu como sua banda predileta (até participa na faixa "Bottom").

Mas todas as esperanças acabam assim que o CD começa. É só metal metido a moderno, cheio de passagenzinhas virtuosas que parecem tiradas de um disco do Rush. Não é variado como o Big Black nem repetitivo como o Helmet. Não é revoltado, não tem aquele ódio ao mundo que dignifica bandas como Cows e Tar nem aquele panfletarismo sincero que torna o Rage Against The Machine até uma banda simpática.

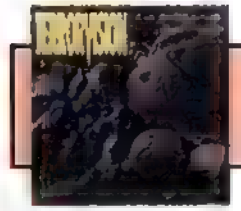
E – pior de tudo – o cantor do Tool lembra o Eddie Vedder. *ANDRÉ BARCINSKI*

Futuro Legal

Se os Digable Planets são o presente, **BASEHEAD** é o futuro – simplesmente pelo fato de que é impossível achar uma classificação para seu som. O nome da banda, na verdade, é só uma camuflagem para Mike Ivey, o cara que faz quase tudo nos discos.

Assim como *Play With Toys* (seu primeiro álbum), **Not In Kansas Anymore** (Imago) é moderno demais para pretender sucesso. Esse desprezo pelas paradas fica mais claro uma vez que traz frases tão suaves como "Preciso de um baseado para ficar legal" em "I Need A Joint" ou "Quer foder ou o quê?" em "Do You Wanna Fuck (Or What)?". Tiradas ótimas, que não prometem uma carreira muito brilhante nas rádios – e vêm acompanhadas sempre de uma música irresistível.

Suas melodias são cheias de clichês. De valsa a heavy metal, passando pela marchinha, Basehead mistura tudo e, ao contrário dos Digable Planets, consegue escapar da armadilha da pretensão. *ZECA CAMARGO*



POP PESADO

É legal ver que existem bandas inglesas fora daquele xucundum rebolativo de franjinhas. **TERRORVISION** é a surpresa. **Formaldehyde** (Total Vegas) consegue ser pop sem ser bundão. Pop no sentido amplo, que não tem medo de transitar do rock'n'roll puro a baladinhas violeiras. A banda tem o mesmo sentido de perfeição nas composições que o Nirvana (com menos da metade da bunda-molice) e até a manha de zoar com o Police em "New Policy One". *C. E.M.*

VÍCIO NOBRE

Einstein, o ectoplasma de Hendrix e aqueles adoráveis monstros da série *Alien* brincam de mãos dadas ao som de **Kiss To The Brain** (Amphetamine Repule), sexto artefato solo de **HELIOS CREED**. Depois de passar o final dos 70 avariando cérebros incautos na co-liderança do psicodélico-industrial Chrome, o guitarrista volta-se agora para uma "causa nobre": obter riffs e frequências sonoras distorcidas o bastante para viciar a mente humana. Que a força esteja com ele! *A. G. C.D.*

CONHEÇA A NOVA LOJA

P.A. INSTRUMENTOS MUSICAIS

FALE COM QUEM ENTENDE

AMPLO ESPAÇO
SEMPRE UM BOM NEGÓCIO

ESCREVA, LIGUE, SOLICITE CATÁLOGO E LISTA DE PREÇOS

TELEVENDAS PARA TODO O BRASIL
(011) 282-5653 - 881-1515 - FAX: (011) 64-3430
RUA TEODORO SAMPAIO, 770 - PINHEIROS - CEP 05406-000 - SÃO PAULO - SP

REPLAY

SATISFAÇÃO GARANTIDA

São treze discos dos anos dourados dos Rolling Stones, editados pela primeira vez no Brasil em compact-disc

A alegria afinal! Não só para os garotos que – na época – amavam **THE ROLLING STONES.** Mas também para os aficcionados que o quinteto inglês conquistou ao longo de três décadas de rock'n'roll.

Está sendo lançada no Brasil a coleção **The Satisfaction Years**, dez álbuns (dois ao vivo) e mais três compilações que o grupo registrou durante os *sixties*. As edições – da PolyGram, via o selo americano London – são mais que oportunas: há muito estavam fora de catálogo e nunca haviam sido lançadas em CD aqui.

A coleção retrata a fase em que o carisma e a criatividade musical de Brian Jones funcionavam como uma terceira influência na música do grupo. Com isso, os Stones foram evoluindo do puro rhythm'n'blues de seus primeiros trabalhos para canções próprias, que aos poucos foram agregando elementos psicodélicos. Para depois Jagger e Richards voltarem às origens do rock'n'roll no fim dos anos 60, e prosseguir na trajetória rumo ao superestrelato ao longo dos anos 70. Sem deixar de lado sua profissão de fé no rock básico.

• The Rolling Stones (64)

Estréia do grupo, com apenas uma canção de Jagger/Richards – a balada "Tell Me (You're Coming Back)" – e composto basicamente de *standards* do rhythm'n'blues americano. As interpretações cruas impressas em "Can I Get A Witness", "Little By Little", "Carol" e "I Just Want Make Love To You" já configuram um clássico. Mas a famigerada capa, apenas com as silhuetas do quinteto (sem nome da banda ou título), completou o melhor *début* de um grupo britânico nos *sixties*.

• The Rolling Stones Two (65)

O segundo álbum em sua versão inglesa, que nos EUA recebeu o título de *12 x 5*. Covers de Chuck Berry ("Around And Around"), de Bobby Womack ("It's All Over Now", o primeiro single dos Stones a chegar no topo da parada britânica) e outros. A sonoridade é mais apurada, com o material gravado no estúdio Chess, de Chicago, durante a primeira excursão americana do grupo.

• The Rolling Stones Now! (65)

Editada só nos EUA. Gravações feitas entre 64 e 65, escolhidas pelo produtor do grupo, Andrew Oldham. Covers do soul de Otis Redding ("Pain In My Heart") e Solomon Burke ("Everybody Needs Somebody To Love"), do r&b de Willie Dixon ("Little Red Rooster") e do rock'n'roll de Chuck Berry ("Down The Road Apiece" e "You Can't Catch Me"), além de "Heart Of Stone".

• Out Of Our Heads (65)

O primeiro gravado totalmente em estéreo. Estréia no topo da parada dos EUA (onde ficou por três semanas). Seguia o mesmo esquema dos anteriores, com versões de rhythm'n'blues, mas aumentou o material da dupla Jagger/Richards (quatro canções). Foi o álbum que sucedeu o hit single avassalador, "(I Can't Get No) Satisfaction", número um nos dois lados do Atlântico.

• December's Children (And Everybody's) (65)

Coletânea dedicada ao mercado americano, com faixas já editadas em álbuns, singles – "Get Off My Cloud" (que junto a "Look What You've Done" foram os dois únicos registros em estéreo inclusos) e "As Tears Go By", mais duas canções gravadas ao vivo: "(Get Your Kicks On) Route 66" e "I'm Moving On". Trazia originais ainda não-incluídos em álbum, como "Blue Turns To Grey" e "The Singer Not The Song".

• Aftermath (66)

Primeiro álbum composto inteiramente por (catorze) canções de Jagger e Richards, inclusive clássicos da dupla, como "Mother's Little Helper", "Lady Jane", "Under My Thumb", "Out Of Time" e a longa *jam* de "Going Home", com seus mais de onze minutos de duração. O disco assinalou os experimentos iniciais do guitarrista Brian Jones com instrumentos exóticos, como o dulcimer e a cítara.

• Got LIVE If You Want It! (66)

Em meio à maçaroca sônica – às vezes indistinguível – este primeiro álbum ao vivo traz versões adrenalínicas para "19th Nervous Breakdown" e "Have You Seen Your Mother Baby, Standing In The Shadow?", gravadas no Royal Albert Hall durante a estréia da excursão britânica que a banda fez com os Yardbirds e com Ike & Tina Turner.

• Between The Buttons (67)

Desde a abertura com "Let's Spend The Night Together", passando por temas delicados como "Ruby Tuesday" e "Yesterday's Papers", o álbum mostrava uma sofisticação inaudita até então. A presença musical de Brian Jones se intensificava e os primeiros toques psicodélicos começavam a aparecer. Desenhos de Charlie Watts ilustram a contracapa.

• Flowers (67)

Compilação de singles e *outtakes*, que chegou ao terceiro posto da parada americana. Foi lançada no período que sucedeu a prisão de Jagger e Richards por porte de drogas, como uma das iniciativas tomadas em apoio à dupla. Entre as doze faixas presentes, duas ("Let's Spend The Night Together" e "Ruby Tuesday") já constavam do álbum imediatamente anterior, *Between The Buttons*.

• Their Satanic Majesties Request (67)

Lançado logo após *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, este foi o álbum que levou os Beatles a declararem que tudo o que eles faziam, "os Rolling Stones repetem meses depois". Mas a incursão psicodélica radical de Jagger/Richards – e Jones, é óbvio – transcendeu em muito esta comparação sacana. O grupo embarcou numa *good trip* explícita, nas alucinações de faixas como "2000 Light Years From Home", "In Another Land", "The Lantern" e "She's A Rainbow".

• Beggar's Banquet (68)

Volta da banda para suas raízes musicais de rock'n'roll, em um disco eminentemente acústico (vide "No Expectations", "Dear Doctor", "Factory Girl" e "Prodigal Son"), que ainda por cima apresentava petardos do calibre de "Sympathy For The Devil", "Street Fighting Man" e "Stray Cat Blues". A reedição em CD trouxe de volta a capa original (proibida e substituída pela capa branca por muito tempo), com a parede de banheiro grafitada.

• Let It Bleed (69)

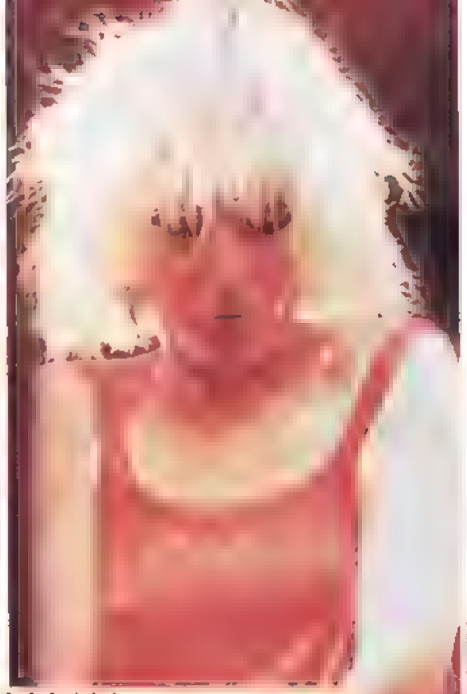
O álbum que trouxe as últimas gravações de Brian Jones e as primeiras intervenções de seu substituto, Mick Taylor. O hino "Gimme Shelter", o *boogie* furioso de "Midnight Rambler" e a balada gospel "You Can't Always Get What You Want" tornaram-se clássicos, assim como a versão para "Love In Vain", de Robert Johnson. Um primor.

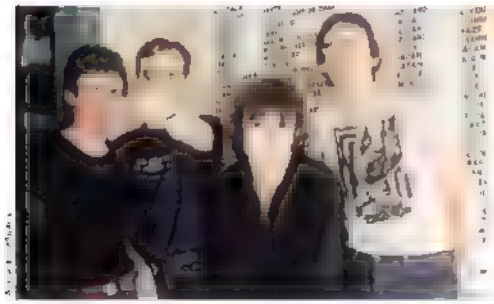
• Get Yer Ya-Ya's Out (70)

Contém dez hits do grupo detonados com energia (como "Jumpin' Jack Flash", "Honky Tonk Women" e "Live With Me"), registrados em duas apresentações no Madison Square Garden, em Nova York. Este segundo álbum ao vivo dos Stones inaugurou a formação (com Mick Taylor) que, naqueles primeiros anos 70, seria rotulada como "a maior banda de rock'n'roll do mundo". *CELSO PUCCI*

REPLAY

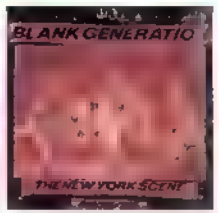
Sex Pistols, Blondie, XTC e (quase) todos os outros grandes nomes do punk estão numa coleção americana de nove CDs





POGO DIGITAL

Punk e new wave num pacotaço da Rhino



Vamos repetir pela milésima vez: o punk foi uma das fases mais abençoadas do rock. Nunca tantas bandas fizeram tanta boa música em um espaço de tempo tão curto. Até 79, 80, existia uma bandaça em cada esquina (de Londres e Nova York, é claro).

A gravadora americana Rhino tentou o quase impossível – reunir todas as tendências e estilos do punk e de todas as suas ramificações: o power pop, o neo-mod, o bubblegum – e se deu bem.

A coleção **Do It Yourself** não é obviamente um trabalho completo, mas consegue traçar um panorama eficiente daquela época muito doida. É claro que o ideal seria comprar todos os discos de todas as bandas – não esquecendo os grupos hardcore ignorados pela coleção, como GBH, Exploited, Black Flag, etc. –, mas a grana é pouca, a oferta pequena, e portanto *DIY* é um achado.

A coleção é dividida em nove CDs. Os dois primeiros, **Anarchy In The UK: UK Punk I (1976-77)** e **The Modern World: UK Punk II (1977-78)**, são fundamentais. Além de **SEX PISTOLS**, **DAMNED**, **JAM** e **BUZZCOCKS**, comparecem **999**, **GENERATION X**, **WIRE**, **X RAY SPEX**, **THE STRANGLERS** e **THE VIBRATORS**, entre outros. Se você procurar e não conseguir achar nenhuma música do Clash, não se assuste: a Sony é que não deixou o Clash ser incluído na coletânea.

Depois vem **Teenage Kicks: UK Pop I (1976-79)** e **Starry Eyes: UK Pop II (1978-79)**. Como o nome já diz, bandas mais pop e mais melódicas, algumas até meio esquecidas, mas nem por isso menos empolgantes. Gente como **UNDERTONES**, **XTC** e **SQUEEZE** aparecem no Volume I, **RECORDS** e **JOE JACKSON**, no volume II.

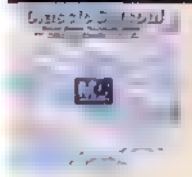
Da Inglaterra para os EUA. **Come Out And Play: American Power Pop I (1975-78)** e **Shake It!: American Power Pop II (1978-80)** reunem nomes mais desconhecidos como **SHOES** e **NERVES** e bandas famosas e nem um pouco punk mas legais mesmo assim tipo **CHEAP TRICK**.

Nova York, Los Angeles e Boston, as três cidades mais importantes do punk americano (San Francisco só receberia atenção especial depois de 78, com os Dead Kennedys), mereceram cada uma um CD.

O mais importante e melhor disparado é o de Nova York, casa de **RAMONES**, **PATTI SMITH**, **TELEVISION**, **BLONDIE**, **SUICIDE**, **DICTATORS** e **RICHARD HELL**. Por incrível que pareça, os Talking Heads ficaram de fora (acredite, rapaziada, antes de ser mala da world music, David Byrne já foi um cara legal). *ANDRÉ BARCINSKI*

MÁGICA DISCO

Grooves dos 70 ressurgem em coletâneas



O quarteto vocal feminino **SISTER SLEDGE** surgiu na Filadélfia em 70. **The Very Best Of Sister Sledge** (Esse West) abrange quase vinte anos de sua carreira. Apesar de singles iniciais bons como "Mama Never Told Me", sua melhor fase é a partir de 78.

Sob a batuta de Midas de Nile Rodgers e Bernard Edwards, mais conhecidos como Chic, brotaram as maravilhas: "He's The Greatest Dancer" (com o clássico verso "Halston, Gucci, Fiorucci"), "We Are Family", "Lost In Music" etc. De 81 em diante elas passaram a se autoproduzir e a qualidade caiu, atingindo o fundo do poço em "Frankie" (85).

O Salsoul foi um selo de Nova York que nunca chegou a ter grandes hits, mas seu estilo disco/soul (uma continuação lógica do som da Filadélfia) é influência decisiva para toda dance. Desde os espaçados e inovadores remixes (os primeiros a aparecer), os arranjos rítmicos até seus vocais e timbres ultra-sampleados. "Let No Man Put Asunder", da **FIRST CHOICE** (um dos primeiros remixes de Shep Pettibone) e "Love Sensation", de **LOLLEATTA HOLLOWAY** certamente

são das músicas mais sampleadas da história (aiô Black Box, Steve 'Silk' Hurley, italo-house e garage em geral). Confira também "I Got My Mind Made Up" (**INSTANT FUNK**), "Ten Percent" (**DOUBLE EXPOSURE**) e "Jingo" (**CANDIDO**) em **Classic Salsoul Vol. I** (Salsoul/Mastercuts). A maioria em remixes da época. É para se puder. *CAMILO ROCHA*

ARQUIVO POLICIAL

Os três primeiros álbuns do Police relançados em CD

Eles foram a maior banda do mundo entre 81 e 83. O trio promovia uma mistura fina de swing caribenho com ataque de punk sem descuidar do requinte técnico/textural – afinal, Andy Summers e Stewart Copeland vinham de experiências progressivas, e Sting, do jazz. Nessa, pegava fãs de todos os gêneros e ainda colava nas pistas.

Com esse relançamento, dá para pensar em reviver a moral alta da banda ou sepultá-la de vez. **Outlandos D'Amour** (78), **Regatta De Blanc** (79) e **Zenyatta Mondatta** (80) – todos da A&M/PolyGram – podem ser uma grande descoberta para quem não tem memória do início dos 80. Já quem era adolescente na época, terá de sobrepujar a bronca (afinal, foi uma década de palhaçadas de Sting) para conseguir desfrutar o Police de antigamente. Mas vale a pena. *A.F.*

PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS

GUITARRAS
Fender • Gibson • Ibanez • Charvel • Jackson • Ans Pro • Dolphin • Golden • Giannini

ACESSÓRIOS
Transmissor Nady • Sequencier Yamaha • QY-10 • Pontes Floyd Rose e Khaller • Captadores EMG, Dimarzio e Seymour Duncan • Toda linha de Boss e Oliver • Gravadores Fostex e Tascam • Digitech GSP-21 e RP-1 • Korg A-4 • Zoom 9000 com pedaleira • Alesis Quadraverb GT • Amplificadores Crate • Tarrachas e pontes Gotoh • Microfones Shure

PRATOS - PELES - FERRAGENS
Sabian • Zildjian • Paiste • Camber • Remo • Tama • Pearl • Maxtone

VENDA • TROCA • CONSIGNAÇÃO
CONSERTOS E REGULAGENS
NOVOS E USADOS (NAC. E IMP.)
ATENDEMOS TODO O BRASIL

Rua Teodoro Sampaio, 865
Fone: (011) 883-6779 - 851-1651
CEP: 05405 - Pinheiros - SP

Surf a melhor onda, brother!

SURF É FLUIR

FLUIR

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editor: Celso de Salles Pucci
Editor de Arte: Richard Kovacs
Editor Assistente: Camilo Rocha
Redator: Rogério de Campos
Repórter: Carlos Eduardo Miranda
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Diagramadores: Antônio Fernandes Morra, Renato Yada (Júnior)
Correspondentes: Ana Maria G. Lemos (Londres), André Barcinski, José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores - Texto: Álvaro Pereira Jr., Alex Antunes, Arthur G. Couto Duarte, Claudio Campos, Fábio Massari, Jimi Joe, João Ricardo Lima, José Júlio do Espírito Santo, Marisa Adán Gil, Otávio Rodrigues, Pepe Escobar, Rene Ferri, Robert Halfoun, Vitor Paolozzi, Zera Camargo **Fotografia:** Angelo Pastorello, Rui Mendes **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos **Ilustradores:** Marcatto, Mabingra, Milton Trajano, Natalia **Arte:** Flavio Vianna

PUBLICIDADE

Diretor: Claudio Santos
Supervisores de Contas: Maria Gisele Magno, Nio Gardeano Bastos, Oscar de Oliveira
Diretor de Vendas: Oswaldo Mallo Jr.
Contatos: Ana Maria Lobo, Marília Hinds (Dir.), Tânia Mattana (Ag.)
Supervisora de Vendas (Rio): Lídia Camarate
Marketing Publicitário: Marta de Moraes
Coordenadores: Igor Assun, José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Pomoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rosane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liege de Lima Doria Castelli

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1449**, edição 95, junho de 1993). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex (011) 83178, fax (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel. (021) 532-0313, telex (021) 36890, fax (021) 532-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222
ANER IVC
Fotolito: Fotoline Ltda. Postscript Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO ANUAL
Previsões

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel. (011) 816-7866 - Fax (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel. (021) 532-0313 - Fax (021) 532-1486 - CP 4816
Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone (213) 474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York - N.Y. 10165 - Phone (001212) 557-5990/5993 - Telex (00) 237670 - Fax (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone (00331) 42.66.31.18 - Telex (0042) 660721 ABRILPA - Fax (00331) 42.66.13.99

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel. (061) 223-2134 - Fax (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. (031) 224-9591 - Fax (031) 226-2069
Paraná: MLC - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel. (041) 253-4048 - Fax (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Arlindo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel. (0482) 32-0519

CARTAS

MELHORES DE 92

Minha crítica, na escolha dos melhores de 92, vai para a parte dos instrumentistas. Votar para guitarrista e escolher Neil Young, The Edge, Peter Buck, é simplesmente terrível. Aqui vão alguns deuses da guitarra: Joe Satriani, Eddie Van Halen, Yngwie Malmsteem, Steve Ray Vaughan etc.

Alexandre Santos
Salvador, BA

Neste ano que passou só teve merda. Falando nelas, eu deixo de ser leitor para fazer uma votação de crítica em homenagem a vocês que fizeram a de 92 por que a de 91...

Rinaldo Rosa
Santa Rosa de Goiás, GO

O cara escreveu essa "hilariante" carta em papel higiênico. Original, né? Que manifesto ousado e criativo. Um recado ao Rinaldo e outros que ficam tendo idéias "sentados" no banheiro e resolvem escrever na primeira coisa que vêem: o cada mês chegam umas oito esoritas em papel de limpar o bundo.

Uma das boas partes da revista foi o melhor/92. Sepultura, Def Jalla e Viper mereceram. Obs.: Fiquei apaixonada com as fotos/poses de Camilo Rocha, André Barcinski, Andre Forastieri e (porque não?) Carlos Eduardo Miranda.

Fernanda Siqueira
Campinas, SP

ESCOBAR ESCRACHADO

Esse tal de Pepe Escobar devena se tocar que Seattle é um momento que a minha geração está vivendo, como ele deve ter vivido o momento musical dele. Então, vê se respeita a galera que curte esse som e pensa mil vezes antes de escrever coisas desse tipo.

Marcelo Alferes
São Paulo, SP

A matéria "Chega de Seattle" está odiosa. Vocês que antes falavam tanto do som de Seattle agora "fodem ele?

Julia e Juliana
São José dos Campos, SP

"O INSENSATO PRAZER DAS SUPERFÍCIES..."

André Forastieri não entende nada de rock mesmo. Falar que o disco do Skid Row é frouxo, chato, burro e lixo é demais. O que o sr. gosta, de Ovidiozinho e Xororó? E ainda por cima falar das fãs apaixonadas? A gente é que sabe o que é rock'n'roll de verdade.

Ana Paula David
Guarulhos, SP

O comentário de André Forastieri sobre o novo disco do Skid Row foi interessante. Mas peço que não creia que minha atenção se prenda ao insensato prazer das superfícies, sem qualquer tentativa de penetrar suas profundezas menos agradáveis.

Quanto à banda, nem me importo tanto a nível de escrever clichês criticando a crítica de quem sabe criticar...

Luciana Botelho
Paracambi, RJ

Quem disse? Skid Row merecendo comentários "cabeça" e profundos...

Concordo plenamente com o André Forastieri em relação ao *B-Sides Ourselves* do Skid Row.

Esse disco é uma merda, e inacreditável como eles conseguiram estragar tantas músicas legais.

Vanessa Vieira B.
São Paulo, SP

DEFENDENDO A BABA

Gostaria de compreender o preconceito da BIZZ com relação ao chamado rock "meloso". Nunca vi nas páginas desta revista elogios para os discos ou bandas desse gênero. É só aparecer os termos pop metal, metal farofa, glamour rock ou glitter metal para a crítica descer o pau.

Mudanças urgentes!

Marcos Antonio Tardin
Nova Friburgo, RJ

RETROCEDER NUNCA

O leitor Paulo Sergio B. Leal diz que o rock do Brasil só é vivo por causa de grupos como Titãs, Paralamas Do Sucesso e Barão Vermelho. "Se não fosse por essas bandas o Brasil vivena só de sertanejo e axé!" Cheque as vendagens: o Brasil VIVE só de axé, sertanejo e afins. Tudo por causa de pessoas como você, Paulo Sérgio, que insistem em tampar os ouvidos para as ótimas bandas novas que têm surgido (Skank, Second Come, Firebox, Yo-Ho-Delic, Gangrena Gasosa e Bojo AA Força). Gente retrógrada que gosta de estagnação, inércia etc., ignoram essas bandas novas e continuam pondo seus dinossauros num pedestal. Rock?!! Já ouviu mr. Herbert Vianna e mrs. Daniela Mercury "together"? Titãs gravando com Jack Endino (bem anos 90, né!)? Frejat falando que "tem nego surdo nas gravadoras", reclamando da falta de espaço para novas bandas? Acordem. Conciliar seus "velhos favoritos" com as "novelties from the underground" não é difícil, nem traição. OK?

God bless you, André Forastieri!

Andressa Ruela
Guapimirim, RJ

MAL-ENTENDIDO EM CURITIBA

"Através de Fabiano Neves, que tomou a FRENTE nessa INICIATIVA ... ele depurou a idéia e preparou um NOVO projeto... a idéia foi apresentada a Hélio Pimentel... fechou!"

Fechou o quê? Qual era a do "antigo" projeto? Isto está nos cheirando a mais uma historinha: Esqueceram de Mim 3. Onde nós entramos nessa?

E digo mais: "Mais bares e casas noturnas –... Potato, Hangar, Jameykaya e Banana Blue – abriram seus palcos...". Abriram uma pinóia! Só fizeram isso para ganharem mídia em forma de permuta na Estação Primeira FM. Venham até Curitiba ver se esses bares abrem realmente espaço para bandas independentes.

Por outro lado, parabéns por reconhecer o trabalho de ótimas bandas daqui. Valeu pelo espaço.

René Bernunça e Nilo Mariola,
banda Boi Mamão
Curitiba, PR

Carlos Eduardo Miranda esclarece: As informações citadas, publicadas na matéria "Os Novos Vampiros", foram fornecidas por Fabiano Neves que deve ter desejado, inocentemente, colher alguns louros do agito curitibano para si.

Crédito para quem merece. Segundo Jansen, baixista do bando Mojog, a idéia original de organizar o mocada partiu, realmente, de René Bernunça e Nilo Mariola, que catalogaram as bandas e tentaram um projeto de duas coletâneas duplas para o selo Solo, de Victor França. A idéia morreu na casca, mas daí surgiu o festival BIG, organizado por J.R. Ferreira. E assim por diante...

Quanto aos bares, Jansen contou que outro dia a Mojog estava tocando no Banana Blue e, depois de duas músicas, desligaram o som com a alegação de que era uma barulheira desgraçada. Que baixaria!

DESPEDIDA

Quando o assunto geral era Madonna, Michael Jackson, U2, Dire Straits, *mainstream* em geral, a crítica corria para o underground ou alternativo, como uma forma de dizer que o novo estava lá. No momento em que o alternativo se tornou de domínio público a nível de massa e nas esferas de milhões de dólares, para onde vai agora? É por isso que acho que o rock está com os dias contados, jogado em alguma esquina, em farrapos e agonizando. Quando ele estiver morto não me convidem para a missa de sétimo dia, mesmo porque me formei faz quatro meses e ainda estarei procurando um emprego, a vida não está fácil e meus interesses são outros.

Infelizmente me cansei de farra.

Charles Pereira
Rio Grande, RS

Que é isso, tchê? Se formou, vai trampar, então vai parar de ouvir som e ir em festas? Ficou louco? Farra é que nem praga, uma vez no sangue nunca mais sai. Uma hora você estará bonitinho no escritório e vai dar aquela sensação de opressão. Você vai querer alguma coisa. Não caretee, o que o mundo menos precisa é de mais gente bundona.

ERRATAS

Mancadaça na edição da BIZZ com o Metallica. Apesar da chamada para o Midnight Oil na capa, nada sobre a banda dentro. Erro técnico de primeira grandeza, sem justificativa. A todos que reclamaram, obrigado. A todos os leitores, mil desculpas.

Na finada seção Compact Disc, da mesma BIZZ 93, na nota sobre o caixa Jefferson Airplane Loves You, o material da banda incluído data de 66 a 72 (e não de 67 a 69, como informado). E na resenha do CD triplo Monterey Pop Festival foi citado como constante o Buffalo Springfield que, apesar de estar no projeto original do lançamento, acabou ficando de fora. Já na Discoteca Básica daquela edição, onde está "Jimmy Dowell And Five Dimension", leia-se Jimmy Powell And The Five Dimension. Thanks, A.G.C.D.!

Na seção Discos do número passado, o nome da gravadora do Duran Duran saiu errada. Em vez de Warner, leia-se EMI-Odeon, para a qual pedimos desculpas pelo equívoco.

Mais pisadas na tomate: 1) na matéria do Living Colour foi citado o álbum Vivid como o disco anterior do grupo – quando na verdade ainda há Time's Up e o EP Biscuits. Os discos foram corretamente especificados na resenha sobre o álbum Stain. 2) Com a mudança na Bolsa De Discos, o disco Nonsuch do XTC foi repetido nas duas edições anteriores, caindo da média 6,82 para 5,78. A variação deveu-se não só à mudança dos votantes, como às alterações das notas na própria redação. Ambos os erros foram apontados pelo leitor Alexandre Pereira Pinto, São Paulo, SP.

E no mês que vem, o repercussão da BIZZ de cara nova – com o veredito dos nossos amados leitores!

TEMOS VAGA NA REDAÇÃO!

Estamos procurando candidatos para uma vaga de redator. Precisa ser jornalista, maior de dezoito anos, falar inglês bem e conhecer música profundamente. Primeira fase: você tem de escrever um texto de vinte linhas de setenta toques, com o tema "Para onde vai a música nos anos 90?". Segunda fase: os autores dos melhores textos serão chamados para entrevistas pessoais aqui na BIZZ. O melhor será contratado e passará a fazer parte da redação mais legal do país. Simples! Mande o texto e um currículo simples até o dia 20 de julho para: BIZZ Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900 São Paulo (SP) a/c André Forastieri

OS MAIORES ASTROS DO ROCK EM FOTOS ALUCINANTES!

NESTA EDIÇÃO
JESUS JONES

E MAIS:
Bryan Adams
The Cure
Whitney Houston
Undercover
Bon Jovi
Duran Duran
Arrested Development

BIZZ
LETRAS TRADUZIDAS
NAS BANCAS
EDITORA AZUL

D B

discoteca básica

THE COASTERS
50 Coastin' Classics

PERFORMANCE

Lançamento: 1992 **Faixas:** "Riot In Cell Block #9"/"Wrap It Up"/"Framed"/"Whadaya Want?"/"One Kiss"/"I Must Be Dreamin'"/"The Hatchet Man"/"Just Like A Fool"/"Smokey Joe's Cafe"/"Turtle Dovin'"/"Down In Mexico"/"One Kiss Led To Another"/"Brazil"/"Searchin'"/"Young Blood"/"Idol With A Golden Head"/"(When She Wants Good Lovin') My Baby Comes To Me"/"What Is The Secret Of Your Sucess?"/"Sweet Georgia Brown"/"Yakety Yak"/"Zing! Went The Strings Of My Heart"/"The Shadow Knows"/"Sorry, But I'm Gonna Have To Pass"/"Hey, Sexy"/"Charlie Brown"/"Along Came Jones"/"That Is Rock'N'Roll"/"I'm A Hog For You"/"Poison Ivy"/"What About Us"/"Run, Red, Run"/"Besame Mucho (Part I)"/"Stewball"/"Wake Me, Shake Me"/"Shoppin' For Clothes"/"Thumbin' A Ride"/"Wait A Minute"/"Little Egypt (Ying-Yang)"/"Keep On Rolling"/"Girls, Girls, Girls (Part II)"/"Bad Blood"/"(Ain't That) Just Like Me"/"Teach Me How To Shimmy"/"The Slime"/"Bad Detective"/"Hongry"/"Soul Pad"/"Down Home Girl"/"D.W. Washburn"/"Shake 'Em Up And Let 'Em Roll" • Disponível apenas em CD, nos EUA, Europa e Japão.

Se humor é mesmo a prova dos nove, então The Coasters foram a melhor banda da história do rock'n'roll. Mas ainda que o humor possa não ser tão importante, é difícil tirar o grupo da lista dos cinco melhores de todos os tempos.

Em 1953, rock'n'roll não existia. A banda de country Saddlemen ainda estava pensando em mudar seu nome para Bill Haley And His Comets. E o grupo vocal The Robins, formado por Ty Terrell, os irmãos Billy e Roy Richards, Bobby Nunn, Grady Chapman e Carl Gardner (todos negros do sul dos EUA que foram para Los Angeles à procura de melhores oportunidades de vida) parecia não ter muito futuro. Foi quando os Robins encontraram Jerry Leiber e Mike Stoler. Eram dois jovens de 20 anos, judeus da costa leste que se achavam chicanos e eram apaixonados pelo blues. Leiber e Stoler se transformaram em compositores/produtores dos Robins. Estes acabaram virando The Coasters e a água virou vinho.

Leiber e Stoler foram os primeiros produtores de rhythm'n'blues, e também os primeiros produtores independentes. Pioneiros em técnicas de estúdio, foram, por exemplo, os primeiros na música pop a gravarem em oito canais. Os primeiros *soulmen* brancos e autores de "Jailhouse Rock", "Hound Dog", "Stand By Me" e dezenas de clássicos. As canções de Leiber e Stoler foram gravadas por quase todo mundo que conta em rock, de Ray Charles, Beatles e Stones a Roberto Carlos. Só Elvis Presley gravou 20 de suas canções (três se tornaram número um na parada americana).

Mas o "veículo" perfeito para a dupla foram os Coasters.

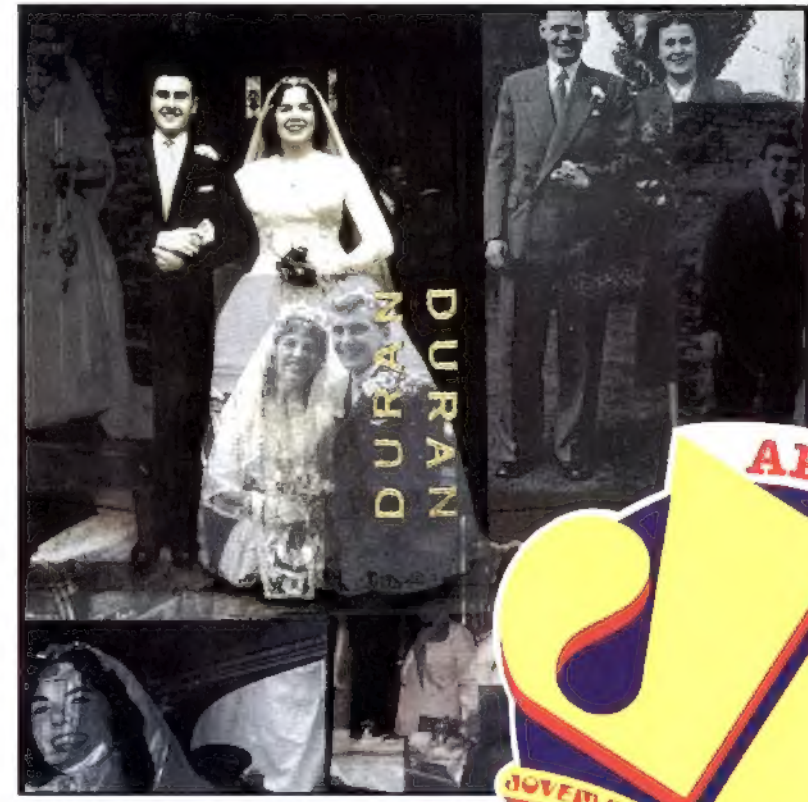
Ao contrário de outros grupos vocais negros, preocupados em fazer vozes angelicais que não ferissem a sensibilidade branca, os Coasters de Leiber e Stoler preservaram a "sujeira" e o humor natural do blues. Criaram sátiras violentas contra, por exemplo, o sistema judiciário. Contavam casos em que o marido chamava a polícia para defendê-lo da esposa. Isso numa época em que o pop só cantava o amor puro e belo. No lugar dos adocicados violinos incluíram tiros, beijos e ruídos para, de modo surpreendente, criar canções pop perfeitas.

A coletânea *The Coasters - 50 Coastin' Classics*, lançada no final de 92, é o sonho de qualquer fã da banda, já começa com uma rajada de metralhadoras. É o início de "Riot In Cell Block #9", a descrição de um motim em uma penitenciária. O vocalista é Richard Berry (o autor de "Louie Louie"), que canta-fala de maneira ameaçadoramente arrastada como um personagem de Dashiel Hammett: "On July the second 1953/ I was servin' time for armed robbery/ At 4 o'clock in the morning I was sleeping in my cell/ I heard a whistle blow –then I heard somebody yell/ There's a riot goin on...". Isto em 1954.

"Framed" (incriminado injustamente) é uma espécie de versão humorística de "O Processo", de Kafka. Outras letras falam de adolescentes atrapalhados ("Charlie Brown"), dançarinas de striptease ("Little Egipt - Ying Yang"), westerns ("Along Came Jones"), ciganas ("Poison Ivy", vertida para o português pelo Herva Doce, como "Erva Venenosa"), Sam Spade e Charlie Chan ("Searchin"), o Sombra ("The Shadow Knows") etc. Cada letra uma maravilha de ritmo. No meio disso tudo, uma versão de "Aquarela Do Brasil" (aquela mesma de Ari Barroso), tão cômica que dá até tristeza por eles não terem conhecido Lamartine Babo. Depois dos Coasters o rock ficou mais "artístico", "visceral", dramático e um monte de outras baboseiras, mas perdeu muito de seu humor.

ROGÉRIO DE CAMPOS

A JOVEM PAN ASSINA EM BAIXO



DURAN DURAN

O novo álbum da banda inglesa que é sinônimo de sucesso.

EMI

CD K7 LP

CHEGA!

DE ÁGUA COM AÇÚCAR

Se você é daqueles que acha tudo água com açúcar, aqui tem uma mistura pra você queimar a língua.

THE BEST OF THE CULT

Álbum duplo

PURE

FOR ROCKERS RAVERS LOVERS AND SINNERS

CULT

NATIVE TONGUE

EMI

CD K7 LP